

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
JONAS MARCIEL ASSIS**

**A COMPREENSÃO DO HUMANO A PARTIR DA
VIVÊNCIA ÉTICA DOS VALORES EM MAX SCHELER**

Juiz de Fora
2022

JONAS MARCIEL ASSIS

**A COMPREENSÃO DO HUMANO A PARTIR DA
VIVÊNCIA ÉTICA DOS VALORES EM MAX SCHELER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Robione Antonio Landim

Juiz de Fora
2022

ASSIS, Jonas Marciel. **A compreensão do humano a partir da vivência ética dos valores em Max Scheler**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Filosofia, do Centro Universitário Academia – UniAcademia, realizado no 2º semestre de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robione Antonio Landim (UniAcademia)
Orientador

Prof. Me. Pe. Elílio de Faria Matos Júnior (UniAcademia)

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 30/11/2022

Dedico este trabalho aos meus pais que, através do seu **sim**, trouxeram-me a este mundo e me ofereceram para o serviço ao Reino de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que, em sua imensa Misericórdia, cuida de mim em todas as fases de minha vida e me nutre com a sua graça sem igual. À Virgem Maria que nunca deixou de zelar pela minha pessoa, mostrando-me sempre o caminho do Amor.

Aos meus pais queridos, que desde o meu nascimento doaram a mim o seu amor, o seu tempo e a sua dedicação, correalizando comigo os meus desafios e as minhas conquistas. Também aos meus irmãos pela constante presença e amizade.

Ao Prof. Dr. Robione Antonio Landim, que além de colaborar incisivamente na orientação e elaboração deste trabalho, representa magnânima e formidável influência em minha vida acadêmica.

À Prof. Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pelo empenho e cuidado com os alunos. Também pelo ensino e estrutura do Centro Universitário Academia e a todos os professores do curso de Filosofia desta instituição.

À Diocese de São João del-Rei e ao Seminário São Tiago, pelo incentivo e contribuição em minha formação humana e acadêmica.

A todos os meus amigos que contribuem em minha realização como homem, pelo carinho, pela paciência e pelo dom da amizade.

Cultivai, constantemente, o amor mútuo,
pois o amor cobre uma multidão de
pecados. 1Pd 4,8

RESUMO

ASSIS, Jonas Marciel. **A compreensão do humano a partir da vivência ética dos valores em Max Scheler**. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2022.

O filósofo alemão Max Ferdinand Scheler (1874-1928) desenvolve uma Antropologia que determina o espaço que o homem ocupa perante o cosmos. A proposta deste trabalho consiste em compreender o humano a partir de uma vivência ética dos valores materiais e objetivos. Para isso, o estudo foi baseado na obra **A posição do homem no cosmos**, de Scheler, publicada em 1928. Nessa investigação, foi abordado o homem como ser essencialmente diferente dos outros seres vivos por se constituir como **espírito**. Através dessa categoria, a pessoa humana alcança a liberdade, a autoconsciência e a ascese para agir e se determinar em face da realidade e a si mesmo. Além disso, torna-se capaz de objetivar e valorar o mundo à sua volta, por meio da intencionalidade. A percepção sentimental é enaltecida neste trabalho por ser o modo *a priori* de conhecimento da realidade, em que o homem reconhece os valores objetivos presentes nela. Daí partem as definições de valores na categoria do sensível, do vital, do espiritual e do religioso. Destaca-se como ponto alto desse estudo a ética antropológica de Scheler, na qual se encontra o **amor**, cujo valor alcança uma completude e uma realização pura e autêntica da existência. Portanto, o humano é compreendido enquanto ser que vivencia os valores objetivos, especialmente em sua relação interpessoal.

Palavras-chave: Scheler. Espírito. Antropologia. Valores. Amor.

ABSTRACT

The German philosopher Max Ferdinand Scheler (1874-1928) develops an Anthropology that determines the place the man occupies in front of the cosmos. The purpose of this work is to understand the human from an ethical experience of material and objective values. For this, the study was based on **The Place of Man in the Cosmos** (2003), by Scheler, published in 1928. In this investigation, man was approached as being essentially different from other living beings because he is constituted as **spirit**. Through this category, the human person attains freedom, self-consciousness and ascesis to act and determine himself from reality and himself. In addition, he becomes capable of objectify and value the world around it, through intentionality. Sentimental perception is praised in this work for being the *a priori* mode of knowledge of reality, in which man recognizes the objective values present in it. From this the definitions of values are defined in the category of the sensitive, the vital, the spiritual and the religious. The main of this study is the Scheler's anthropological ethics, in which **love** is found, whose value reaches a completeness and a pure and authentic realization of existence. Therefore, the human is understood as being who experiences objective values, especially in his interpersonal relationship.

Keywords: Scheler. Spirit. Anthropology. Values. Love.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	CONSIDERAÇÕES ANTROPOLÓGICAS DE MAX SCHELER	12
2.1	SCHELER E A FENOMENOLOGIA.....	12
2.2	A COMPREENSÃO UNA DO HUMANO NA FILOSOFIA DE SCHELER.....	14
2.2.1	Homem e materialidade	17
2.2.2	Homem e espírito	19
2.2.3	Homem e ato	21
2.3	A PESSOA COMO PRINCÍPIO METAFÍSICO-EXISTENCIAL.....	23
3	A OBJETIVIDADE DOS VALORES	27
3.1	A APREENSÃO DOS VALORES.....	28
3.2	A CONSTRUÇÃO DA MATERIALIDADE DOS VALORES.....	32
3.2.1	Ética e Emocionalidade	32
3.2.2	Ética e Espírito	35
3.2.3	Intencionalidade e valoração	36
3.3	A VIDA EMOCIONAL.....	38
4	O HOMEM E A ÉTICA MATERIAL DOS VALORES	41
4.1	A PERCEPÇÃO SENTIMENTAL E A ANTROPOLOGIA.....	42
4.2	O PERCEBER DO OUTRO.....	46
4.3	O AMOR COMO FORMA FUNDAMENTAL DO AGIR ÉTICO.....	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A filosofia fenomenológica do início do século XX se propõe a compreender a existência humana e o mundo à sua volta por meio do estudo dos fenômenos em si mesmos. Max Ferdinand Scheler (1874-1928) foi aluno de Husserl (1859-1938) e assumiu o método fenomenológico para pensar a realidade, de modo especial a vida humana, tema que se destaca em seu trabalho.

Pelos seus escritos, é possível perceber que Scheler se interessou de maneira considerável também pelo campo da Ética, especificamente aquilo que tange à existência humana no contexto social da modernidade. Ao final de sua vida, o filósofo dedicou-se a estruturar uma antropologia filosófica que fosse capaz de responder aos questionamentos existentes na época sobre quem era o homem e o porquê de sua existência. Diante desses questionamentos, Scheler dedica-se a construir uma ideia do ser humano que seja unificada e ofereça ao homem moderno uma compreensão essencial de pessoa.

A proposta inicial deste presente trabalho é compreender o humano a partir da vivência dos valores em Max Scheler. Nessa filosofia, a compreensão essencial de homem¹ ajuda a entender como ele se posiciona em relação aos outros seres, como conhece o mundo à sua volta, como se dá a relação de valor entre o sujeito e o objeto apreendido e entre os próprios seres humanos, não se limitando às determinações biológicas. Ele possui características que vão além destas determinações, tornando-o um ser de liberdade, de autoconhecimento, de ascese e de interrelação. Por meio da intencionalidade, atividade da consciência, apreende os valores dos objetos e os conhece. Assim, constitui-se a partir de suas vivências e experiências dos próprios valores, trazendo noções sobre a emocionalidade no processo de uma fundamentação ética, que o filósofo em questão denomina ética material dos valores.

A tarefa deste trabalho não se limita apenas ao entendimento da essencialidade do homem e como ele conhece a realidade. Com necessidade de valorar o mundo, ele se torna sujeito no processo de conhecimento e se torna ponto singular quando precisa, em sua existência, se relacionar com outros seres humanos. Nessa relação, o humano é capaz de alcançar os outros por meio da simpatia e da empatia, como também realiza uma autêntica e pura relação com o outro pela vivência do amor.

¹ O termo “homem” é considerado aqui para retratar a espécie humana em sua totalidade; refere-se, portanto, a todo homem e mulher que vive e existe enquanto homem no mundo.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada uma pesquisa bibliográfica cujo estudo se deu a partir da análise da obra **A posição do homem no cosmos** (2003) publicada em 1928. Nesta obra, Scheler investiga o princípio pelo qual o homem se diferencia essencialmente dos outros seres vivos e como alcança participação no ser de outras pessoas pelo espírito. Além dessa, foi utilizada ainda o texto **Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético**, também de Scheler (2001), na qual o autor propõe um estudo aprofundado sobre a Ética.

Como fundamento da proposta deste trabalho, foram escolhidos textos de estudiosos e comentadores da filosofia scheleriana, tais como **Max Scheler “in foco”**, de Almiro Schulz (2020), e a dissertação de mestrado **O perceber do valor na ética material de Max Scheler**, de Sérgio Augusto Jardim Volkmer (2006). Para o estudo da Ética e da relação com o outro, foram utilizados os livros **Max Scheler: o personalismo ético**, de José Silveira da Costa (1996), e **A ética de Max Scheler e a essência do cuidar do outro**, de Alan Dionizio Carneiro e Marconi José Pimentel Pequeno (2021), escritos que possibilitam analisar com profundidade o pensamento ético scheleriano. Por fim, também foi útil a pequena obra **Ordo Amoris**, de Scheler (2012a), na qual o autor materializa o seu pensamento sobre a ordem dos sentimentos no processo de conhecimento e o amor como fundamento de uma realização humana.

A presente pesquisa contribui para que Scheler seja mais conhecido, especialmente no curso de Filosofia. Ele é um autor pouco estudado entre os acadêmicos e no Brasil, com poucos livros traduzidos. Portanto, este trabalho se apresenta como uma oportunidade de demonstrar a importância de sua obra para o entendimento da compreensão humana em sua vivência dos valores éticos, bem como contribuir para a propagação da filosofia scheleriana no meio acadêmico e filosófico.

Para que seja possível estabelecer a compreensão humana em sua vivência dos valores, é preciso percorrer por sobre outros pontos da filosofia de Scheler, com o objetivo de fundamentar e dar corpo à ética material dos valores. Desse modo, este trabalho é dividido do seguinte modo: em primeiro lugar é apresentado o pensamento antropológico de Max Scheler. Subsequentemente, aparecem o tema sobre a intencionalidade e o modo pelo qual o ser humano é capaz de conhecer e exercer julgamento de valor. Por fim, será desenvolvido o pensamento do filósofo sobre a ética material dos valores e a realização ética do ser humano como consumação de uma antropologia guiada pela essencialidade.

2 CONSIDERAÇÕES ANTROPOLÓGICAS DE MAX SCHELER

A proposta inicial desta seção é apresentar a compreensão antropológica de Max Scheler. Em seu pensamento, o filósofo entende que o homem é um ser que se questiona sobre a própria existência e busca compreender-se enquanto ser humano no mundo. No entanto, antes disso, é preciso desenvolver uma breve contextualização histórica, destacando especialmente as contribuições de Husserl para o pensamento de Scheler, principalmente o método fenomenológico.

2.1 SCHELER E A FENOMENOLOGIA

Para isso, é importante considerar o contexto em que o filósofo Max Scheler se encontra e demarcar quais são os pressupostos filosóficos que embasam o seu trabalho. No final do século XIX e início do século XX, forma-se a corrente fenomenológica a partir de Edmund Husserl (1859-1938). Apesar de existirem correspondências intelectuais e interesses comuns, Scheler nunca foi verdadeiramente um discípulo de Husserl, havendo, assim, discordâncias entre eles. Husserl afasta-se do Neokantismo² e do Positivismo³ e constrói um método de investigação que tem como objetivo revelar como as coisas do mundo se apresentam à consciência humana por meio do exercício da intuição.

A partir de sua análise fenomenológica, Husserl demonstrou que o pensamento não tem como tarefa e finalidade produzir apenas o conhecimento, mas alcançar uma realização da existência humana. Isso acontece porque o ato de pensar se constitui com a ação consciente que demonstra a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo. Essa relação é entendida como intencionalidade. Ainda, isso acontece de modo dinâmico, não estático, sendo identificado como atividade pensante da consciência. O pensamento no processo de construção de qualquer conhecimento

² Trata-se de um sistema filosófico a partir de uma interpretação específica de Immanuel Kant (1724-1804), que sustenta em sua doutrina os conceitos originários e as formas lógicas puras. Em suma, a própria atividade do pensamento é o seu conteúdo na filosofia neokantiana.

³ Corrente filosófica que aposta na ordem e na ciência para a organização e progressão social. Entende o ideal de progresso contínuo da humanidade como fruto de uma filosofia embasada no desenvolvimento das ciências, organizadas de modo hierárquico e na investigação sociológica, inaugurada por Auguste Comte (1798-1857), no século XIX. “A ordem constitui sem cessar a condição fundamental do progresso e, reciprocamente, o progresso vem a ser a meta necessária da ordem” (COMTE, 1973, p. 75).

se movimenta por intenções, se dirige a um objeto, se constrói a partir da intencionalidade.

Em Husserl existe a compreensão da temporalidade do conhecimento, pois é a partir dela que se constitui a subjetividade e a consciência, que através da intuição é capaz de fazer uma referência ao objeto de compreensão. Contradizendo o Positivismo, que estabelece uma filosofia ordenada e fechada, ele afirma que a Filosofia deve ser uma ciência aberta e inacabada, pois as ações da consciência são infinitas e subjetivas. Cada filósofo, na visão husserliana, alcança um grau de conhecimento a partir de sua relação com o mundo, tudo aquilo que toca as esferas da existência, como o mundo interior. Daí partem as críticas ao neokantismo, pois, se existe ou existiu uma razão pura, somente pode ter seu impulso sobre a base da materialidade, em que se enraízam os sentimentos da sensibilidade, das emoções e do mundo sociocultural. O sentido do conhecimento, em Husserl, "é encontrado no movimento temporal do pensamento como ato da consciência intencional; da mesma forma, o sentido amplo do pensamento [...] um processo que desenrola no tempo, na história vivida do pensamento na obra do filósofo" (VOLKMER, 2006, p. 13).

É inserido nesse contexto filosófico que Max Scheler se ocupa com as preocupações fenomenológicas do saber, do conhecimento científico e do pensamento e, motivado pelo trabalho de Husserl sobre a intuição, ele destaca as dimensões de temporalidade e de vivencialidade do pensamento, tendo pelo método fenomenológico o desenvolvimento de uma filosofia que desse atenção àquilo que aparece à consciência. Isso fica evidente quando nos escritos schelerianos o conhecimento aparece descrito a partir dos processos desde os mais diversos graus da experiência humana, como a experiência vital, a experiência emocional e a experiência religiosa, revelando que o tempo e a vivência do pensamento se realizam na existência integral do homem.

Scheler e Husserl possuíam convergências na compreensão dos conceitos de intuição e de percepção, sendo que as divergências entre eles já começam pela própria consideração da fenomenologia e o modo de utilizá-la. Isso porque, enquanto Husserl buscava fundar uma ciência de rigor que seu método se assemelhasse aos das ciências naturais, estabelecendo um objeto para a consciência, Scheler não se interessa por uma metodologia científica aplicada à filosofia, pois essa já tem o seu método, a saber, uma preocupação com o fundamento de objetividade do fato científico.

Distanciando-se dessa perspectiva fenomenológica original, Max Scheler inaugurou uma fenomenologia singular, principalmente ao abordar questões de natureza sentimental e religiosa, como simpatia, amor, ódio, valores morais e religião. O interesse principal deste filósofo era a vida prática, cotidiana, a vida do homem em sua totalidade de âmbitos – emocionais, psicológicos e fisiológicos -, sendo a Filosofia uma maneira de ajudar a compreender o sentido desta vida. Por isso, na filosofia scheleriana antropologia e ética se complementam, visto que esta parte de uma fundamentação antropológica e ganha sentido quando vivenciada e experimentada. O conhecimento científico tem como base a experiência. Do mesmo modo, é a partir do experimentar que a ética é edificada: ela está por fazer-se – em constante evolução com o ser humano.

É necessário demarcar as especulações de Max Scheler sobre a pessoa humana, bem como o seu método e a sua definição no ápice de seus estudos, quando em 1928 teve a sua morte prematura, deixando como legado a obra **A Posição do Homem no Cosmos** (2003). Nesta obra, ele se compromete em buscar uma compreensão essencial de homem tendo como base as considerações fenomenológicas por ele estudadas. Por essa razão, é importante recuperar o contexto histórico em que ele está situado. Sendo assim, distanciando-se das grandes concepções que segmentavam o ser humano - dentre elas as que o encaravam como ser apenas a partir de sua relação com Deus, *lógos* grego e o *homo faber*⁴-, procurou desenvolver uma unicidade da pessoa humana, que a estabelecia enquanto um ser uno e essencial. Por isso, é preciso apresentar a ideia de homem a partir dos escritos de Max Scheler sobre a pessoa humana.

2.2 A COMPREENSÃO UNA DO HUMANO NA FILOSOFIA DE SCHELER

Em Scheler (2003), não é difícil compreender que o princípio motriz para seu pensamento é o problema do homem. O interesse fundamental de Scheler é compreender o porquê da existência humana e como se relaciona com o mundo. Logo em seu prefácio à primeira edição é possível ler que:

⁴ A expressão *homo faber* caracteriza a inteligência que fabrica instrumentos ou artefatos não-organizados. Responsável pela tecnologia: seu trabalho é de natureza material. O conceito define o homem que fabrica coisas e fabrica-se a si mesmo.

Desde o primeiro despertar da minha consciência filosófica, as perguntas: o que é o homem? e qual é a sua posição no interior do ser? me ocuparam mais essencialmente do que qualquer outra pergunta filosófica. [...] tive a felicidade crescente de ver que a grande parte de todos os problemas filosóficos de que já tratei coincide mais ou menos nesta pergunta (SCHELER, 2003, p. 1).

Scheler destaca na citação acima que os problemas filosóficos que ele já abordara acenam para a temática antropológica, por isso a Antropologia se torna fundamental porque compreende essas problemáticas. É motivado pelas questões acima descritas que Scheler reflete sobre as interfaces da vida humana para fundamentar uma antropologia que dê suporte aos vários questionamentos da humanidade. Para isso, propõe uma conceituação una e essencial do homem. O que significa isso? Significa que ele não seja definido por suas características de modo particularizado e segmentado, mas englobe toda a esfera do ser, como a constituição biológica, a cultura, a psicologia, como também pelas características essenciais, como a objetividade, a autoconsciência e a capacidade de ascese. O filósofo não quer dar apenas mais uma visão a respeito da pessoa humana, mas dar à Antropologia uma fundamentação essencial que seja capaz de situar o homem perante o cosmos. Pensando em seu contexto filosófico, Scheler escreve:

Tenho a satisfação de constatar que os problemas de uma antropologia filosófica ganharam hoje o ponto central de toda a problemática filosófica na Alemanha e que, muito para além do círculo dos especialistas em filosofia, há biólogos, médicos, psicólogos e sociólogos trabalhando em uma nova imagem da constituição essencial do homem (SCHELER, 2003, p. 3).

Dentro do contexto filosófico em que se encontrava Scheler, no início do século XX, na Alemanha, ele analisa as três esferas de ideias mais influentes sobre a concepção de homem – ao seu entender, incompatíveis entre si. A primeira trata do pensamento judaico-cristão, em que o humano só pode ser entendido a partir da sua relação com o fundamento supremo das coisas. Essa esfera de pensamento coloca o homem como ser incompleto que em sua estrutura contempla e busca a Deus para a realização própria e para o bem da sociedade. Aparecem na conceituação de Scheler os termos criação, paraíso e queda, denotando o modo de o homem se comportar perante a existência: uma busca constante do Paraíso perdido após a queda pelo pecado de Adão e Eva.

Continuando sua análise, Scheler relata a segunda esfera de pensamento que é a da antiguidade clássica, propriamente da Filosofia grega, em que o ser humano

se descobre em uma posição singular perante os outros seres através da posse da razão – daí a origem do conceito de *lógos*. O homem se percebe sujeito filosófico enquanto busca sentido e explicação para a existência, como também para apreender a qualidade das coisas, pensar a si mesmo e resolver problemas relativos à experiência da vivência humana. Na última concepção que Max Scheler destaca está o homem resultado dos processos evolutivos biológicos, determinado pela psicologia genética, que se diferencia dos outros seres vivos pela composição química e mistura de energias que lhe possibilitaram uma natureza humana.

Essas três esferas denotam o caráter segmentado com que o homem é compreendido pela Filosofia. São três esferas que abordam questões isoladas sobre a pessoa humana, entendendo que o modo de vida deve ser guiado por uma dessas concepções, seja na racionalidade, na deidade, seja na tecnicidade. Isso é entendido por Scheler como resultante de uma segregação da essência humana, ou seja, o homem é impedido de entender-se como ser uno e essencial. Resulta, assim, a questão motivadora da antropologia do filósofo. “Neste sentido, possuímos uma antropologia científico-natural, uma antropologia filosófica e uma teológica que não se preocupam umas com as outras. Mas não possuímos uma idéia (sic) una do homem” (SCHELER, 2003, p. 5).

O filósofo reconhece grandes incertezas e indeterminações sobre a essência e a origem do homem em uma época que ele se torna problemático para si mesmo, pois não sabe o que é, além de saber que não o sabe. Ele entende uma necessidade de constituir uma antropologia que supra as carências da unicidade humana, como ele se empenhou em demonstrar, e que forneça uma compreensão sintetizada das variadas formas de pensar o homem na sociedade alemã do século XX, justificando a necessidade de tratar da questão antropológica. Alguns estudiosos de Max Scheler afirmaram que ele “deve ser considerado como o verdadeiro inaugurador da antropologia filosófica moderna, visto que tentou mostrar a necessidade e a legitimidade da antropologia como ciência filosófica fundamental” (SCHAEFER, 1995, p. 89).

Partindo da necessidade de fundamentar uma antropologia que integrasse o ser humano em suas diversas dimensões e em seu ser, não o segmentando, Scheler, assim, empenhou-se na construção de um sistema fenomenológico que pudesse abordar o homem em face da sua situação perante o cosmos. Desse modo, é analisando a realidade que este filósofo estrutura o homem em suas categorias

existenciais. Por isso, faz-se necessário estruturar as etapas da definição unificada de pessoa humana a partir da antropologia scheleriana, que seja capaz de responder às carências das concepções filosóficas existentes em sua época, conforme reconhecidas por Scheler.

Por entender fenomenologicamente a existência humana, Scheler parte de uma observação do homem que abarque os variados níveis de sua vida. Isso ele faz com o objetivo de estabelecer a ideia unificada antropológica que ele reconhece necessária. Por isso, antes de adotar qualquer pré-conceito sobre o homem e considerando a estruturação do ser vivente, Scheler reconhece que tais seres se desenvolvem em quatro dimensões - ou níveis - subordinadas umas às outras. Sendo elas: o impulso afetivo; o instinto animal; a memória associativa; e a inteligência prática. Partindo da vida vegetal, ele qualifica o ser humano em uma posição superior aos outros seres vivos, não só pela participação em todas as dimensões como também pela diferença de individuação e desprendimento do meio natural em relação aos outros seres. O homem compartilha elementos de todas essas esferas evolutivas desses níveis. Para isso, é preciso compreendê-lo a partir de sua materialidade, bem como a partir da categoria de espírito e de suas ações.

2.2.1 Homem e materialidade

O impulso afetivo se define como a esfera sensitiva da vida. Denota no ser que o possui uma espécie de individuação que o traz para fora, ser que se movimenta, que cresce, que reproduz. Porém, não se trata de ato consciente ou sensação, tampouco escolha ou poder, mas apenas uma reação natural ao sentido essencial de conservação da vida. Os vegetais são o melhor exemplo para descrever esse nível da vida, porque se orientam para cima, para a terra e para a água, sentindo e esforçando-se contra a resistência do meio em que vivem, reafirmando a sua individualidade frente ao meio, não somente parte do meio, mas vivência de resistência. Essa capacidade afetiva permanece presente nas outras formas viventes, sendo no homem essa dimensão o primeiro dado material para a percepção da realidade.

O segundo nível que Scheler estabelece na dinâmica da vida é o instinto, expressão dos estados internos do ser vivente ao meio em que habita. Aqui, além de um impulso anímico vegetal, caracteriza-se um ritmo temporal significativo para a vida da espécie, relacionado à adaptação ao ambiente, pois determina o modo de uma

espécie se comportar frente aos estímulos ou situações que o ambiente favorece ao indivíduo. Os animais são colocados como imagem desse nível, já que está inato ao centro anímico o instinto, como revelado pelo comportamento dos mesmos. Scheler, sobre essa dimensão, afirma:

[...] definimos o instinto (assim como os níveis subsequentes) exclusivamente a partir do chamado comportamento do ser vivo. O “comportamento” de um ser vivo é sempre objeto de uma observação exterior e de uma descrição possível. Ele é independente das unidades fisiológicas de movimento que lhe dão sustentação e é determinável mesmo sem a introdução de conceitos físicos ou químicos para a sua caracterização (SCHELER, 2003, p. 15, grifo do autor).

O autor compreende o instinto como comportamento, colocando essa dimensão na base da sobrevivência dos animais que se movimentam em direção aos alimentos e às coisas básicas para a subsistência e reprodução da espécie. Dando um salto para o terceiro nível da vida, Scheler reconhece observável nos animais um tipo de capacidade que se denomina memória associativa, tendo a vitalidade cada vez mais separada das determinações do meio. Essa possibilidade psíquica sugere que o ser vivo ainda condicionado pelo instinto pode se guardar em sua memória elementos de suas experiências nas ações meramente instintivas, associando-se, assim, a busca por situações ou estados que deem prazer e evitem a dor. A memória associativa confere aos seres que dela participam atitudes que não estão diretamente condicionadas pelo instinto. Somente os seres que participam mais ativamente das outras esferas da vida é que podem, em suas potencialidades, separar-se em grau mais elevado do meio. A chave para a compreensão da memória associativa é entender que há uma associação de atitudes com acontecimentos, a partir de tentativas bem sucedidas.

No último nível, Scheler pontua a inteligência prática como a quarta forma da vida psíquica, entendendo que:

Estreitamente coimplicada (sic) com ela está a capacidade de escolha e a ação seletiva – do mesmo modo ainda vinculadas organicamente -, a capacidade de preferir entre bens e a capacidade de estabelecer preferências entre os membros da espécie em meio ao processo de reprodução (começo do Eros); uma capacidade que se lança para além da mera pulsão genética (SCHELER, 2003, p. 29).

A diferença que marca este último nível da inteligência em relação aos inferiores é a capacidade de resolução de problemas e a possibilidade de escolhas frente a uma gama de problemas apresentados pela natureza relativa à esfera da existência. Está presente nos animais com capacidades psíquicas mais evoluídas, mas principalmente desenvolvida nos homens que buscam sentido no modo de vida. O homem, com essa inteligência prática, pode escolher entre o necessário e o prazeroso, não mais determinado pelo meio e pelas sensações, pois possui consciência reflexiva, faculdade de fabricação e predicado de hábito. Scheler (2003) aplica o ser humano como participante em todas as dimensões, sendo ele o único ser que percorre livremente todos os níveis da vida psíquica. Além disso, ele assume uma postura metafísica ao afirmar que o que torna o homem diferente de todos os outros seres vivos não é nenhuma das habilidades ou constituições psíquico-biológicas, como descrito anteriormente, pois o ser humano é capaz de integrar em si todas essas dimensões em um nível mais alto, que é o **espírito**.

É baseado nessa perspectiva que Scheler afirma que a determinação do que é o homem não acontece pela comparação dos graus ontológicos biopsíquicos e naturais dos seres vivos, já que a essência humana não emerge da natureza. Portanto, o que determina “a sua ‘posição peculiar’ no cosmos encontra-se muito para além do que se denomina inteligência e capacidade de escolha, e que elas tampouco seriam alcançadas [...] de uma maneira quantitativa qualquer” (SCHELER, 2003, p. 35, grifo do autor). Esse novo princípio que oferece a essencialidade chama-se, segundo Max Scheler, **espírito**.

2.2.2 Homem e espírito

Na definição da ideia de homem apresentada na filosofia de Scheler, a diferenciação dele em relação aos outros seres vivos pelo desenvolvimento de inteligência ou habilidades psíquicas mais evoluídas não se encaixa com a essencialidade que o constitui como ser superior. Ao considerar os aspectos da constituição humana, ressalta-se que:

Se colocarmos no ápice do conceito de espírito uma função particular de conhecimento, a espécie de conhecimento que só ele pode dar, então a determinação fundamental de um ser espiritual, como quer que este venha a ser constituído psicologicamente, é o seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade (SCHELER, 2003, p. 36).

Nesse trecho citado, o autor destaca as características fundamentais de sua ideia de homem, pois ele se desenvolve em quatro dimensões e se define essencialmente pelo espírito, sendo, no entanto, esse capacitador de abertura ao mundo, pois o ser humano é capaz de se desprender existencialmente do mundo orgânico, não sendo determinado pelas pulsões, sensações e constituições biológicas e psíquicas. A capacidade de objetivação e o distanciamento dos objetos pela consciência de si tornam possível ao homem uma postura essencialmente espiritual perante o cosmos e perante si mesmo.

Scheler (2003) demonstra que o espírito é objetividade, pois consegue inverter o modo de se relacionar com a realidade exterior diferentemente daquele presente nos animais. Nos animais, qualquer ação inteligente está ligada às pulsões nervosas, atrelada à realidade psíquica e fruto de um centro biológico de vida, enquanto que para um ser que tem espírito, ocorre de modo oposto, visto que o modo de se comportar parte da base de objetivação da realidade exterior se expandindo ilimitadamente em uma postura de abertura ao mundo. Em súpula, o homem pelo espírito pode romper com o impulso motor, “tudo o que é vital ou relativo à esfera psicofísica do homem pode ser objetivado pela pessoa: o meio circundante, os elementos do meio, os atos do ser psicofísico, movimentos, pulsões, impulsos instintivos, estados afetivos” (VOLKMER, 2006, p. 86), é o que permite a ele se posicionar e se comportar abertamente ao mundo.

Continuando as considerações sobre o espírito, Scheler afirma que o homem é o único ser que pode apreender o conhecimento de coisas e de substâncias, de espaço e de tempo, sendo percebido o vazio desses a partir do elevar-se acima de si mesmo e também para além do espaço e do tempo. Essa capacidade é sumamente espiritual, pois pode tornar tudo acessível a ele objeto de seu conhecimento, inclusive a si mesmo. O homem é capaz de vaguear pelas esferas do passado e do futuro, característica possibilitada pela estrutura espiritual que é distinta e separável desse mundo. O filósofo traz sempre essa comparação do homem com os outros seres vivos, pois tenta defender a diferenciação dele não só pelos graus de desenvolvimento de inteligência, mas também por algo fundamental e determinante da essência humana, que não pode ser dado a partir das constituições biológicas e psíquicas da vida. Ele afirma que o animal possui consciência, mas não possui autoconsciência, não possui nem o poder de agir e pensar sobre si mesmo, o que ocorre diametralmente no ser

humano - ser capaz de consciência de si, partindo do ato de reunião, defendido pelo filósofo escolhido para análise como ato espiritual ou ato de ideação⁵, conforme será desenvolvido a seguir.

2.2.3 Homem e ato

De acordo com o desenvolvimento proposto por Scheler, somente ao ser humano compete essa estrutura espiritual de autoconsciência, podendo objetivar a mera realidade, como também a própria constituição psíquica, pois ele possui uma estrutura espiritual que atua sobre a realidade. No ato de ideação o espírito se faz presente na apreensão dos elementos do meio, desvinculando-os de seu lugar e os elevando a objetos de seu mundo. Somente pelo ato especificamente espiritual da pessoa humana é que ela pode se desprender das intuições originais e se elevar sobre a realidade e sua própria constituição fisiológica, modelando livremente a sua vida.

Segundo estudos, “o ato de idear proporciona ao homem espiritual a capacidade de compreender as qualidades essenciais do mundo e de seus variados e possíveis objetos” (KLAUSS, 2014, p. 36). Ao exercer o ato especificamente espiritual, o homem conquista conhecimentos essenciais e entende as formas de construção do mundo. Para isso, ele precisa de realizar a suspensão do caráter de realidade, segundo Scheler, que se define como negar ou suspender as coisas que existem na mera realidade com o objetivo de alcançar a essência. Aqui se une a concepção de que o homem age inversamente ao animal, isso porque, enquanto este vive e se comporta determinado por suas características psicofísicas, aquele deve superar as determinações das sensações e do orgânico para compreender e objetivar a realidade. A realidade não é uma qualidade concreta que é dada à consciência pelas percepções, mas é o modo como o ser vivo é circunscrito no espaço e no tempo, é “apenas um cuidado prático, é a disponibilidade da técnica, bem como do pensamento discursivo, intuitivo e dedutivo, próprio das ciências empíricas e naturais” (KLAUS, 2014, p. 37).

⁵ Ato de ideação é definido por Scheler como a ação que torna possível ao homem desencadear e conceber ideias em sua consciência que sejam desprendidas e totalmente desvinculadas de quaisquer pressupostos psíquicos e experiências sensoriais. Em linhas diretas “trata-se de um ato completamente diverso de toda inteligência técnica, de todo ‘pensamento’ indireto, dedutivo, cujos primórdios já atribuímos ao animal” (SCHELER, 2003, p. 47, grifo do autor).

Assim, conclui-se que o acesso ao ato de ideação na filosofia scheleriana se liga a uma negação, pois desrealiza a realidade para idear o mundo. Por esse ato especificamente espiritual, o homem consegue se desvincular do impulso afetivo para ascender além das condições impostas pela constituição biológica e psicológica do ser, encontrando-se na livre realização de seus atos. A atividade do espírito demonstra a volta para o mundo objetivável, como também para a consciência do próprio ser, que se comporta abertamente em relação ao mundo com infinitas possibilidades. O ser humano é marcado pelas potencialidades do espírito, sendo ser que não se aquieta e se contenta com os dados acessíveis à consciência pelas percepções, mas se lança para transcender a realidade que o cerca e determinar um modo existencial repleto de sentido e de vida.

Nas considerações sobre o estabelecimento das funções espiritual no campo antropológico, Scheler não teme em defender que o homem só pode ser entendido a partir de seus atos, pois são neles manifestadamente que o humano tem a experiência do viver e sua realização existencial. A pessoa humana em seus atos expressa o seu interior e o seu exterior, sendo eles desvelamento das palavras, emoções, comportamentos, como também virtudes e pensamentos da individualidade pessoal do ser. O que Scheler deixa claro em sua filosofia é que o homem não se reduz em hipótese nenhuma a seus atos, mas que somente por meio deles que se pode ter acesso à pessoa humana e sua inserção no mundo.

Nesse sentido, o filósofo se distancia do pensamento de Kant, em que o ser humano passa a ser compreendido como um sujeito lógico com capacidade de saber. Segundo Scheler (2003), essa visão kantiana poria fim ao problema do homem por colocar a ética sob o domínio das ações humanas no que tange o saber teórico da etologia⁶. Ainda, o filósofo escolhido para análise se questiona sobre a possibilidade de o sujeito lógico, como proposto na filosofia kantiana, agir sem ter por base a vivência intuitiva e sem a diversidade da ação e a abertura para o mundo. Sobre isso, pode-se ler que para “tal sujeito, seriam indiferentes suas experiências vividas, as condições do mundo e suas emoções, posto que seu ser estaria determinado plenamente na ação por meio de um saber teórico” (CARNEIRO; PEQUENO, 2021, p. 75).

⁶ Disciplina do ramo de Biologia, conforme Volkmer (2006), que se preocupa em estudar os comportamentos e ações habituais e instintivas dos seres vivos.

Para a compreensão da pessoa humana na filosofia scheleriana, o enfoque fenomenológico deve se assentar sobre a vivência concreta do ato, pois viver se constitui também como a unidade do racional, do sentimental e do espiritual, como perceber e intuir, amar e odiar, querer e pensar. No entanto, a pessoa não é o somatório dos atos vividos, mas unidade em si mesma, englobando a situação e o objeto da ação, o conteúdo – intenção e reflexão-, o querer e os estados das sensações e sentimentos que levaram à realização e execução da atividade. A atividade – representada pelos conceitos de ideação e do espírito - é, desse modo, a expressão e a ligação entre o espírito e a vida, pois torna possível ao homem agir desprendida e espiritualmente em relação ao mundo e suas determinações. O ato de ideação oferece ao homem o múnus de ser essencialmente diferente de todos os indivíduos e assumir uma posição peculiar e distinta no cosmos.

2.3 A PESSOA COMO PRINCÍPIO METAFÍSICO-EXISTENCIAL

Ao debruçar-se sobre a antropologia filosófica de Scheler, a pessoa é o termo básico em que está circunscrita toda a reflexão sobre o homem e a categoria de espírito em que ele se autoafirma sujeito existente no mundo. Klaus (2014) afirma, no intento de estabelecer o conceito de pessoa de modo abrangido na filosofia de Scheler, que a pessoa é responsável pelo ser espiritual, e, enquanto possuínte dessa possibilidade, é “livre e inteligente, capaz de uma infinitude intencional de atos presente na pessoa finita. Tais atos intencionais configuram na pessoa o que ela é e o que ela deve ser, pois ela age de acordo com a unidade e inteligibilidade absoluta do ser” (KLAUSS, 2014, p. 63).

Como já se afirmou anteriormente, o ato intencional é o modo como a pessoa se realiza enquanto ser humano no mundo, pois somente por ele pode manifestar o seu ser, a saber, sua emocionalidade, sua vontade, seu modo de compreender e apreender o mundo, entre outras habilidades apropriadas pelo espírito. Visto que a antropologia scheleriana é fundamentada na fenomenologia do ato, é preciso abordar a pessoa humana como ocupante de um lugar absoluto no interior dessa filosofia, pois ela não é uma coisa ou substância que pode ser pensada a partir dos dados visíveis – a pessoa humana não pode ser objetivável. Sobre isso, o filósofo alemão afirma que:

[...] nunca pode ser pensada a pessoa como uma coisa ou uma substância com quaisquer potências ou forças, entre as que se acham também a “potência” ou a “força” da razão, etc. Mas sim, a pessoa é a unidade imediatamente convivida do viver, mas não uma coisa simplesmente pensada fora e atrás do imediatamente vivido (SCHELER, 2001, p. 499, grifo do autor, tradução nossa).

Desse modo, a pessoa humana possui uma estrutura ordenada de atos em que não é possível captar-se sua essência como as outras coisas presentes no cosmos nem na realidade externa ao ser, pois é pelo ato de ideação que a pessoa pode apreender as essências das coisas e compreender as várias realidades que se expressam e se apresentam à consciência humana: ela só pode realizar isso por meio do desprendimento do orgânico e através de uma atitude oriunda de seu centro espiritual, ela jamais poderá ser acessada por processos objetivantes da consciência. A pessoa humana não pode ser reduzida, por sua infinitude, a algo meramente observável, como ocorre com os outros seres.

Scheler (2003) afirma, ainda, que a pessoa jamais pode ser tida enquanto objeto nem apreendida enquanto essência por se determinar como atualidade pura, sendo o único acesso a ela pelos seus atos intencionais de uma experiência fenomenológica. É nessa mesma posição que o filósofo assume pensamentos diferentes aos dos que reduzem o homem à sua capacidade racional: “o ser da pessoa não pode nunca ficar limitado a ser um sujeito de atos de razão submetidos a certas legalidades” (SCHELER, 2001, p. 500, tradução nossa). Nesse sentido, ressalta a dignidade da pessoa quanto àquilo que a constitui pessoa: não somente sua razão, mas todo o seu ser que vive, seu espírito e seu modo de ser no mundo.

A partir dessas considerações, Scheler (2003) parte para uma definição do modo de se relacionarem as pessoas umas com as outras. Segundo o filósofo, “a pessoa só é em seus atos e através deles. [...] Tudo o que é anímico é passível de objetivação – mas não o ato espiritual, a *intentio*, o que olha ainda os processos anímicos mesmos” (SCHELER, 2003, p. 45, grifo do autor). Não é possível, no entanto, objetivar as outras pessoas como se dá com as outras realidades externas. O que existe é somente uma participação que se pode dar no acompanhamento da realização e na correalização dos atos livres do outro. A relação interpessoal que faz os seres participarem dos atos em identificação com a vontade de uma pessoa se estabelece pela compreensão, que só é possível pela postura do amor espiritual –

oposto mais extremo da objetivação do outro. Essa postura será melhor desenvolvida na seção sobre a emocionalidade, constituindo-se como valor humano mais elevado.

Em sua consideração sobre a pessoa humana, Scheler estabelece uma totalidade que basta a si mesma, porque homem não é um sujeito qualquer que realiza qualquer ação, mas existe realisticamente nos atos espirituais. Portanto, as atividades de caminhar, de passear, de chorar e de admirar não são atos de um **eu** psíquico, mas verdadeiras experiências internas possibilitadas pelo espírito. O fato de a pessoa se aperceber sujeito consciente, constituído psíquica e biologicamente, não a restringe a essas funções, mas a torna superior a tudo isso: ela jamais é apenas um **eu** ou um objeto, mas é pessoa que vive exclusivamente na realização de seus atos intencionais.

Scheler estabelece, desse modo, a posição peculiar do homem perante o cosmos por fazer parte do cosmos, mas não se restringir a ele. Pela capacidade espiritual, a pessoa humana se destaca perante os animais na esfera da vida e se torna sujeito capaz de liberdade, pois não está condicionado às determinações biológicas; de autoconsciência, pois pode pensar a si mesmo e se reconhecer consciente de sua consciência; de transcendência, pois ele se coloca para além de seu meio; de objetivação, pois pode apreender as essências das coisas que se apresentam à sua consciência, sem, no entanto, ser passível de objetivação. A pessoa, assim, é um ser que se realiza pelo ato da vivência. Assim Scheler estabelece suas considerações principais sobre a pessoa humana e estabelece respondendo àquele problema fundamental que o motivou a essa busca inicial antropológica.

Pensar a problemática do homem na esfera de pensamento de Scheler a partir de sua fundamentação fenomenológica estabelece a pessoa humana como imbuída de valores próprios e inegociáveis. A essência desse ser e a autonomia que esse alcança pelas capacidades possibilitadas pelo espírito oferecem não só uma visão personalizada da pessoa, mas também uma realização concreta e pura que se estabelece a partir de seus valores e de sua experimentação existencial valorativa. A pessoa é ser espiritual, é também unidade concreta de atos, por isso há liberdade e se constitui constantemente através dos atos que realiza. Na própria existência a pessoa humana se estabelece e se define a partir de seus atos, de sua atitude espiritual perante o cosmos e de sua relação com os elementos externos à sua estrutura ordenada de atos. Ou seja, é a partir dos atos que o homem faz a sua vivência valorativa: dá valor à realidade e às coisas que experimenta e às mais

variadas instâncias sentimentais e relacionais com os outros à sua volta. A seção seguinte abordará os valores sobre os quais Scheler se propõe pensar para a definição de uma ética a partir do fenômeno da existência e fundamentada no ser integral, espiritual, não segmentado e unificado do homem.

3 A OBJETIVIDADE DOS VALORES

No início da seção anterior, foi destacado como Scheler se coloca perante o problema **o que é o homem?**, reconhecendo que havia variadas respostas diferentes e segmentárias da pessoa humana pela história da humanidade, bem como em seu contexto filosófico na Alemanha do início do século XX. Ele propõe como proposta de definição da pessoa humana uma abordagem essencial que colocasse o homem inserido totalmente em sua existência e não ficasse à mercê das diferenciais conceituações sobre ele. Para isso, ele se utiliza inicialmente de um método fundamentado na fenomenologia husserliana, mas diferindo quanto à realidade da emocionalidade, como explicitado no início da seção.

Faz-se interessante observar que o autor parte da percepção do fenômeno existencial humano para categorizar os níveis de vida psíquica, sendo eles: o impulso afetivo, o instinto, a memória associativa e a inteligência prática. O homem participa e transita livremente por todos eles, porém isso não o torna essencialmente diferente dos outros seres vivos, como os animais mais evoluídos, por exemplo, que participam de todos os níveis. Em sua constituição, possui maior abrangência na inteligência prática, como se observa pelo seu comportamento racional perante as situações da realidade exterior. Porém, o que o define como ser com essencialidade está para além das estruturas biológicas e psíquicas, mas reside em uma nova categoria inserida por Scheler: o espírito.

A definição que Scheler dá ao espírito é a de possibilidade de ser, de autoconsciência e de liberdade. O homem só é essencialmente diferente dos outros seres vivos por possuir o espírito – termo que não deve ser confundido em comparação ao espírito religioso como estruturado pela filosofia e pelo pensamento judaico-cristão⁷. Ele, portanto, se define assim: capacidade de se separar do mundo, capacidade de ascese e de transcendência, possibilita pensar em si mesmo e objetivar as realidades exteriores a ele. O espírito, em suma, é o que dá ao homem o seu ser homem. Assim, seus estudos evocam algumas considerações a partir desta nova categoria metafísica instaurada.

⁷ De acordo com Scheler (2003), a perspectiva judaico-cristã apresenta o espírito humano como o da relação com Deus a partir da apresentação de Adão e Eva e a relação com o Paraíso. Em suma, o espírito é deficitário e carente e precisa encontrar seu sentido no ser Supremo, para além de si mesmo, eterno e imutável.

O homem só se faz a partir de sua atitude espiritual, pois os atos são o que se externaliza da interioridade. Os atos humanos, quando motivados e incentivados pelo espírito, são objetivantes, colocam o mundo sob a ótica da consciência. Além disso, Scheler destaca o homem em uma posição peculiar em relação ao cosmos, pois a pessoa humana não pode ser reduzida e objetivada por se constituir uma estrutura de atos espirituais, que se dão na atualidade constante. Tudo o que se faz aqui presente culmina no pensamento último e posterior da vida filosófica de Scheler, descrito em seu livro **A posição do homem no cosmos** (2003), publicado em 1928, ano em que ocorreu sua prematura morte.

Pela postura de liberdade do humano em relação ao mundo e à existência, o filósofo alemão estudado neste trabalho posiciona a realidade dos valores como intrínseca à vida humana, ultrapassando qualquer tipo de formalismo ou fundamentalismo que aprisione o espírito humano. Coloca o valor humano no ser e não na materialidade do mundo, pois a dignidade do homem consiste em sua postura de se comportar abertamente perante a realidade exterior, não sendo determinado pelas constituições biológicas e psíquicas, mas na atitude espiritual do existir e na integração dos conceitos pessoa, valor e emoção.

Nesse sentido, a presente seção se delimita na explicitação e concepção dos valores e sua ligação à existência humana segundo Scheler. Pensar sobre eles é interessar-se pelo princípio ético de sociedade, o modo de vida de um indivíduo, pois em conformidade com a ética geram a realização e a felicidade do homem, entendendo-se que sua existência está atrelada às capacidades valorativas e de juízo da realidade. Após a abordagem antropológica, o trabalho parte para as considerações sobre os valores que só podem ser fundados na pessoa humana em face do seu modo de vida e de consideração da realidade. O filósofo Scheler, no contexto da filosofia alemã, exerceu grande influência no campo da Ética por considerar em seus escritos um vasto estudo e uma inteligente estruturação para esta abordagem e como eles se constituem a partir da existência antropológica.

3.1 A APREENSÃO DOS VALORES

Ao pensar sobre o valor, alguém pode aplicá-lo a diversas áreas do saber científico, cultural e popular, bastando recordar diversas situações em que são aplicadas este termo: valor da moeda, de mercado, da virtude, estético e artístico, da

moral, entre outras situações de utilização do conceito. Durante a história da humanidade, vários são os filósofos que se preocuparam por determiná-los a partir da cognoscibilidade da natureza, das considerações científicas e da pessoa humana.

Platão e Aristóteles, como exemplo, a partir de suas postulações filosóficas determinaram o conceito de valor como eterno e imutável, fruto de um pensamento racional, jamais fundado sobre a sensibilidade, enganosa ou maquiadora das verdades que habitam em um mundo ideal, no caso de Platão. Além disso, a preocupação com tais considerações perpassa a filosofia cristã. Santo Agostinho faz uma ligação dos valores com a contemplação e com a oração, a conexão íntima do ser humano com o sagrado, com Deus, origem de todo bem. Sendo assim, por muito tempo prevaleceu esta temática nas especulações do bem e sua contraposição com o mal, principalmente na Era Medieval.

No entanto, quem colaborou de forma mais decisiva para colocar a questão dos valores no centro de destaque da Filosofia contemporânea foi Franz Brentano (1838-1917). Foi ele quem reconheceu uma certa intencionalidade nesta definição, sendo ela a maneira como se dá a relação da realidade e do mundo com a capacidade avaliativa. É a partir de Franz Brentano que a importância de apreciáveis e de inexauríveis se associa às determinações do valor e se estende pelos escritos éticos contemporâneos (VOLKMER, 2006). Sendo assim, é a partir desse contexto que se inaugura a filosofia dos valores de Scheler, na qual o destaque se equaliza nas qualidades dos objetos - materiais, culturais, existenciais - aquilo que o homem considera mais importante e a partir dele conduz a sua conduta na constituição de uma personalidade tanto individual quanto em suas implicâncias sociais.

Vale ressaltar que a concepção do filósofo a respeito do valor tem fortes influências cristãs - especialmente agostiniana - quando estabelece essa hierarquia. Os valores supremos são aqueles que tornam o ser humano em uma imagem semelhança do ser único e supremo, perfeito e real, na filosofia de Scheler. Por isso ele define o amor como um bem supremo – o mais alto em sua filosofia. Na sua relação com o mundo, o ser humano pode identificar realidades pacíficas, progressos baseados na paz e na concórdia, como também de guerras, perseguições e devastações, talvez realidades que minem toda e qualquer esperança em um futuro melhor e que seja promissor na promoção da paz e da convivência tranquila e bondosa entre os seres humanos. Assim sendo, esta relação com a realidade externa existencial fornece à pessoa uma apreensão imediata com um ato de sentimento que

se dirige de volta à realidade, revelando-se, assim, o julgamento de valor, ou melhor conceituado, a valoração. O que isso quer dizer? Que o primeiro e imediato modo de o homem se conectar com a realidade é com a experiência emocional, dado primário para um julgamento de avaliação.

Na perspectiva do filósofo referindo-se aos valores, afirma ele que não se trata de ideias abstratas que podem ser associadas às coisas e aos objetos. Assim ele define:

Todos os valores (incluindo os valores 'bom' e 'mau') são qualidades materiais que têm uma determinada ordenação mútua no sentido de 'alto' e 'baixo'; e isto acontece independentemente da forma de ser na qual se apresentam, seja, por exemplo, como qualidades objetivas puras ou como membros de estados de valor (tal o ser agradável ou o ser belo de algo), ou como momentos parciais dos bens, ou como o valor que 'uma coisa possui' (SCHELER, 2001, p. 60, grifos do autor, tradução nossa).

Nesse sentido, os valores se distinguem das coisas, não se confundem, pois enquanto as coisas são mutáveis de acordo com ação do tempo situado no espaço, os valores permanecem, sendo absolutos e universais. Eles se destacam pelo modo como o objeto é observado e reconhecido na experiência vivida, produzindo efeitos no mundo através da ação e da forma de ser da pessoa. Isso se exemplifica quando alguém qualifica o comportamento de outrem como agradável e simpático ou desagradável e repulsivo; quando uma obra de arte é avaliada por um crítico como bela, odiosa ou primorosa; quando um ambiente é qualificado como pacífico ou inóspito, enfim, qualquer tipo de comportamento de juízo perante a realidade.

O que Scheler quer demonstrar é que não se pode definir o valor como algo em si mesmo no objeto, porém a partir de sua experiência nas situações concretas. Não se trata, em suma, dos valores restringidos às qualidades empíricas; entretanto, a partir delas é que eles se vinculam às faculdades criativas e espirituais do homem, tampouco deve-se considerá-los como frutos do subjetivismo, ou seja, eles não são produtos de uma realidade inferida e induzida pela pessoa ao objeto. Não é subjetivo pois eles são realidades objetivas alcançadas pela intencionalidade, portanto não reduzidos a um eu particular. Segundo Carneiro e Pequeno, “a capacidade de apreender valores faz parte da existência da pessoa, assim como acontece com as faculdades de conhecer e de querer” (CARNEIRO; PEQUENO, 2021, p. 123).

Além disso, é possível perceber que a definição de Scheler, ele se posiciona contra o formalismo ético puro kantiano. Na relação entre os dois filósofos, aparece

em comum a rejeição de uma ética fundada nos bens e nos fins, que são *a posteriori*, mas Scheler discorda de Kant por excluir do *a priori* todo elemento material. A valorização parte da experiência de juízo da existência e não de um sistema aplicável a todos os indivíduos, e por isso mesmo, é que um sistema ético puro não pode se aplicar a todas as realidades de modo igual. Além disso, em oposição ao formalismo está a ética material fundada na objetividade. O que isso quer dizer? O que Scheler denomina material notoriamente equivale a objetivo, pois significa que tem realidade e validade que seja independente do sujeito, conforme ele afirma: “Aqui nos importa unicamente a possível independência da apreensão dos valores em relação com os depositários desses valores” (SCHELER, 2001, p. 62, tradução nossa).

Na contramão de Kant, o filósofo sustenta que o apriorismo formal e subjetivo não passa de uma construção mental, sendo o objeto da ética os fatos ditos materiais, e não formais. O que conceitua a ética não são as construções subjetivas, mas, em sua premissa, os valores objetivos é que, segundo esse fenomenólogo alemão, são objeto de experiência. Essa via de pensamento se encaixa perfeitamente dentro da compreensão de mundo exercida pelo filósofo, pois, após observar minuciosamente o mundo à sua volta, determina o fenômeno da existência humana a partir do dado da vida emocional. Somente a partir do ato humano é que as fases particulares desse ato se dirigem distintamente a um valor objetivo, ou seja, a partir da disposição, da intenção e da decisão, da própria atividade é que se pode encontrar experimentalmente o valor como objeto.

É possível perceber um jogo entre a experiência pessoal versus uma estrutura emocional originária básica a todos os homens. Segundo o que afirmam estudiosos, “cada pessoa ama, odeia, recorda [...] segundo uma modalidade própria, única, exclusiva. O mesmo gesto, o mesmo olhar, realizado por pessoas distintas, é marcado pelo colorido peculiar de cada personalidade” (COSTA, 1996, p. 45). O ato de experienciar é determinado pelo centro de intencionalidade da pessoa dirigido a um valor objetivo, conforme será desenvolvido posteriormente.

No entanto, é necessário considerar que a experiência emocional é o dado tido por Scheler como constituição do suporte dos valores éticos. Ele acredita e propõe a fenomenologia para uma compreensão adequada da Ética, pois estão presentes a experiência como base para qualquer ciência e o objeto da experiência – conteúdos que fundam a essência da experiência ética vivida -, ou seja, os valores. Desse modo:

Quando dizemos que um determinado ato é eticamente bom ou mau, estamos definindo seu valor, que constitui o conteúdo da experiência emocional, o estamos experimentando ao realizar tal ato. Não é que um juízo externo ao ato lhe confira esse valor, mas é o próprio valor que está diretamente contido na experiência vivida. O método fenomenológico nos permite extrair-lo dessa experiência e objetivá-lo de maneira científica. E somente o método fenomenológico pode fazer isto, pois qualquer outro método experimental se baseia na observação, que se fixa nas coisas e não nos valores, enquanto o objeto da ética em geral não é a “coisa” (*Ding*) e sim única e exclusivamente o “valor” (WOJTYLA, 1993, p. 18, grifos do autor).

Nesse sentido, pode-se compreender a necessária definição da objetividade dos valores na filosofia de Scheler desempenhando a importante função da consciência e intencionalidade na avaliação da realidade. Após compreender que eles são conhecidos e apreendidos pela intencionalidade e que o método fenomenológico é compreendido pelo filósofo em análise como o mais adequado à definição de uma ética, faz-se, portanto, necessário definir os fundamentos do conhecimento dos valores pela pessoa humana.

3.2 A CONSTRUÇÃO DA MATERIALIDADE DOS VALORES

Segundo a filosofia de Scheler, os valores são frutos de uma consciência intencionada para a realidade capaz de captar objetivamente a si próprios. Isso se dá ao fato de que a pessoa humana, a partir de sua estrutura pessoal, pode ordenadamente agir nessa realidade, visto que transita em todas as esferas da vida. A captação deles por parte do homem se dá pela sua infinita possibilidade de conceber o mundo à sua volta, agindo com liberdade e ideação, ou seja, valorando a realidade externa. No entanto, pode-se perguntar como o ser humano é capaz de conhecê-los, sendo eles objetivos e vivenciados pela experiência? A partir do dado fenomenológico, o filósofo empreende uma série de abordagens e definições para estabelecer o processo de percepção e apreensão deles.

3.2.1 Ética e emocionalidade

Nos estudos filosóficos de Scheler a compreensão de uma fenomenologia que explicasse a vida humana de maneira integral cada vez mais foi se consolidando, principalmente a partir de uma fundamentação ética que correspondesse ao modo de vida do homem, dando respostas às variadas formas de elaboração valorativa da

pessoa humana frente à realidade que se apresenta à sua consciência. Nas considerações do filósofo, o homem, em comparação com os outros seres vivos e qual lugar ele ocupa no cosmos, é definido como essencialmente espírito, não sendo ele determinado pelas leis e constituições psicofísicas, mas pela sua separabilidade do mundo, da sua capacidade de ideação, de direcionar juízos para a realidade e de acessar a essência dos valores.

Diferentemente do que afirma Husserl em seus escritos filosóficos, Scheler não considera que os homens exercem a capacidade valorativa pela intuição intelectual, mas sim pela intencionalidade emocional. Ou seja, o homem é capaz de conhecer o valor pela sua estrutura emocional, antes mesmo que possa elaborar qualquer sistema racional sobre o objeto analisado. Em sua filosofia existe um primado da emocionalidade sobre os outros âmbitos humanos: os atos emocionais básicos do espírito, como os atos de amor e ódio, sobressaem sobre os motivados pelas ações do intelecto, como a razão teórica e prática. A racionalidade ou ação racional é apenas um dos tipos de ser do espírito. Talvez um dos pontos centrais dessa contraposição entre a emocionalidade e a racionalidade se encontre neste trecho de sua *Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético* (2001):

Pois o sentir, amar, odiar, e as leis que entre eles existem, e as que se referem a suas matérias, são tão pouco 'especificamente humanas' como os atos de pensar [...]. O que aqui, pois, exigimos decididamente frente a Kant é um apriorismo do emocional [...]. 'Ética emocional', diferentemente de 'Ética racional', não é necessariamente 'empirismo', no sentido de uma tentativa de deduzir os valores morais a partir da observação e indução. O perceber sentimental, o preferir, o amar e o odiar do espírito têm seu próprio conteúdo a priori, que é tão independente da experiência indutiva como o são as leis do pensamento (SCHELER, 2001, p. 120-121, grifos do autor, tradução nossa).

No entanto, é importante destacar que a superposição alcançada pela emocionalidade no interior da filosofia dos valores se dá a partir do espírito, que possibilita o acesso ao dado fundamental e essencial do valor. Quando o filósofo menciona o perceber sentimental não está se referindo a estados emocionais ou afetivos da constituição biológica, porém a um ato intencional espiritual, que possui uma objetividade. Esse conceito perceber sentimental é muito utilizado pelo filósofo para se referir à matéria do ato de intuição. Sendo assim:

[...] o perceber é puro ato de intuição, que enquanto ato não pode ser imediatamente e ao mesmo tempo observado por si mesmo; seu dado

objetivo é evidente e necessário, uma essência a priori no sentido de que se revela no momento mesmo da experiência do sentir, antes de qualquer outro ato espiritual (VOLKMER, 2006, p. 54).

A percepção de um valor se dá necessária e primariamente através da experiência sentimental, antes mesmo de um juízo, de um raciocínio. Isso, então, comprova como a filosofia scheleriana coloca a emocionalidade acima de qualquer outra esfera da vida humana na percepção e apreensão dos valores. Assim, o perceber do valor pelo puro ato do espírito é anterior até mesmo dos atos da razão teórica, que só podem ser exercidos através das considerações reflexivas, portanto mediado, ou seja, qualquer atitude racional passa pelo perceber emocional. Ambas as atitudes estão fundamentadas no espírito, que é a base humana da existência e o que define o homem como homem. O perceber sentimental é possível pela estrutura do espírito humano que se realiza e se constitui no mundo através da atualidade pura – o que se pode definir como a ação espiritual humana.

Ainda sobre a precedência da emocionalidade à racionalidade na percepção qualitativa, é possível denotar que “os atos objetivos intencionais revelam sempre uma correlação com o valor objetivo. Portanto, graças a eles manifesta-se ao homem todo o mundo objetivo dos valores” (WOJTYLA, 1993, p. 21). Sendo assim, Scheler enxerga esse mundo sendo ordenado não somente em sua estrutura objetiva universal a todos os homens, mas na própria percepção afetivo-cognoscitiva. Isso quer dizer que o filósofo em suas considerações pressupõe uma ordem que se relaciona de modo hierárquico com os valores, podendo alguns ser superiores aos outros. Essa superioridade e inferioridade hierárquica ganha destaque dentro dessa teoria, não porque o filósofo quer estabelecer um princípio de vida em que os homens sigam regras para a convivência, mas, sim, pelo motivo de entender que a experiência emocional da realidade estabelece relações interiores e conscientes a partir de um julgamento de valor.

Também se forma nesse sentido a Filosofia: é defendido não somente que nas considerações filosóficas deve existir o pensamento sobre o pré-racional, o pré-simbólico e a sensibilidade, como também que a partir da intuição sentimental que está a fundamento de todo e qualquer pensamento racional-científico-filosófico. Por isso se conclui que na raiz das atividades teóricas e práticas da razão está primeiramente e de modo *a priori* a intuição sentimental. Esse perceber sentimental está radicado na pessoa humana, origem e fundamento – segundo análise

fenomenológica - de qualquer definição ética. Esta por sua vez está em relação com o espírito, visto que o homem através dele é capaz de transitar por todas as esferas da vida. Por isso, fazem-se necessárias considerações que elucidem esta relação no pensamento scheleriano.

3.2.2 Ética e Espírito

Na primeira seção deste trabalho foi exposto o seu pensamento antropológico a partir da análise fenomenológica de Scheler, que engloba a existência humana em face da sua posição perante o cosmos. Sendo assim, o homem assume uma postura totalmente superior e especial na esfera da existência em relação aos outros seres vivos e à realidade. A participação em todas as esferas da existência é uma característica em suma e totalmente humana, possibilitada pela estrutura espiritual que lhe é constituinte e que determina o modo de ser e estar do indivíduo no mundo.

Em sua filosofia há uma integração entre essas esferas no ser humano, sendo possível transitar entre essas esferas com suas capacidades de liberdade e ascese, de superação da materialidade biológica e psíquica, agindo no mundo essencialmente pelo espírito. É aqui que reside a função espiritual em face dos valores:

O espírito integra tanto os estratos vitais humanos, como o impulso sensitivo, a memória associativa, a inteligência prática, e o ato peculiar do espírito, o ato de ideação, configurando a unidade corporal-espiritual da pessoa, como integra este ato de ideação com os demais estratos da vida espiritual mesma, como os atos emocionais ou sentimentais (VOLKMER, 2006, p. 59).

A partir desse recorte, fica evidente que o espírito é a unidade integradora, sendo que todos os atos fornecem dados para o espírito, pois ele perpassa todas as dimensões e esferas da vida humana. Quando a percepção sentimental é integrada às faculdades espirituais, facilita o entendimento e superação de qualquer interpretação que coloque os sentimentos e essa intuição específica fundamentada no simples sentir biológico. O perceber sentimental ganha o seu caráter imediato no acesso às essências pela intuição somente fundamentada no espírito, capacidade especificamente humana, como explicado anteriormente.

Qualquer definição do valor não pode ser confundida com as qualidades de objetos conhecidos pela via emocional, mas sim como realidades ideais e objetivas, ou seja, a pessoa é capaz de exercer juízo de valor através da intuição emocional

fundamentada no espírito; no entanto, é uma realidade objetiva, exterior, apreendida pela consciência de quem o experimenta. Isso quer dizer que a pessoa humana é o suporte dos valores éticos, é nela que habita a possibilidade de uma fundamentação ética que supere as lacunas deixadas pela ética baseada no formalismo puro ou na materialidade subjetiva, conforme analisado no início desta seção. A pessoa humana, em síntese, supera pela sua estrutura ontológica espiritual o psiquismo e o orgânico.

Na antropologia scheleriana é factível a diferença essencial entre o homem e o animal. Tal diferenciação não ocorre pelo grau de inteligência, como já observado; no entanto, é realizada pelo ato espiritual. Para o filósofo alemão:

O animal tem consciência, diferentemente das plantas, mas não tem nenhuma autoconsciência [...]. Ele não possui a si mesmo, não detém o poder sobre si mesmo – e por isso também não é consciente de si. Reunião, autoconsciência e **capacidade objetiva** de resistência pulsional originária formam uma única estrutura ilacerável que, como tal, só é própria ao homem (SCHELER, 2003, p. 39, grifo nosso).

Essa postura de diferenciar o ser humano dos animais retorna variadas vezes nas considerações do filósofo alemão citado, dando a entender que ele se mantém fiel à sua análise fenomenológica e radica a ética e os valores sendo possível apenas à pessoa humana – centro espiritual. Define-se, assim, a espiritualidade scheleriana como sendo a profunda ligação que a pessoa humana faz entre o centro de atos, ou espírito, com a realidade e o mundo objetivantes, exercitando-se e realizando-se através dos valores. Sendo assim, o humano é suporte deles e alcança essa realidade objetiva pela sua capacidade espiritual de intuição e pelo ato intencional da consciência de avaliar o mundo à sua volta através do perceber sentimental. Por isso, faz-se necessário definir a intencionalidade no seu modo de valorar.

3.2.3 Intencionalidade e valoração

Ao observar todas as considerações e recortes que foram feitos da filosofia dos valores de Scheler no que tange a pessoa humana e a sua capacidade de valorar a realidade, é possível se perguntar como ele suspende a realidade e coloca o homem no mundo espiritual. A própria definição do filósofo estabelece de forma segura uma via fenomenológica que seja capaz de responder aos questionamentos que colocam o modo de tal fenômeno acontecer. Esse filósofo exerce por toda essa sua filosofia a

noção de intencionalidade, o que assegura a percepção sentimental como dado originário e imediato do sentir. Sobre isso, afirma ele que:

No curso do perceber sentimental 'abre-se-nos' um mundo dos objetos, mas somente pelo lado dos valores. Precisamente a frequente falta de objetos de imagem no sentir intencional mostra que o perceber sentimental é por sua parte um ato objetivante que não necessita de nenhuma representação como mediadora (SCHELER, 2001, p. 361, grifo do autor, tradução nossa).

É por esse tipo de consideração que é possível declarar que o perceber sentimental não precisa de nenhuma mediação para se constituir e se delimitar como originário e objetivo, em que são intuídas as essências puras. Volkmer (2006), ainda, analisa que os valores não são essências de objetos sensíveis, porém se dá na percepção dessas pelo estado intencional da consciência. Desse modo, a intencionalidade parte sempre do espírito em direção aos diversos estratos da realidade, sendo possível conhecer e intuir valores que sejam objetivos e acessíveis pela atitude espiritual. Intencionalidade e espírito se relacionam de modo dinâmico e único, pois é somente a partir do espírito que a intuição apreende os valores reais e essenciais do mundo à volta.

Nas considerações próprias sobre a intencionalidade, Scheler esclarece que a intencionalidade é algo que pode se formar de infinitos modos, sendo possível ao homem realizar vários atos intencionais ao longo da existência e em cada contexto específico que ele vive. No entanto, o filósofo negou que a subjetividade do ato intencional de uma pessoa seja uma experiência unicamente singular, ou seja, considerada de modo subjetivo. Desse modo, uma subjetividade dos valores que poderia ser facilmente interpretada aqui é invalidada, pois assim como os números não dependem de um eu posicionado e subjetivo para que se tenha consciência, desse mesmo modo os valores são objetivos, conteúdos *a priori* da percepção sentimental. “O valor é a intuição original de qualquer ato do espírito: não somos atraídos primeiramente pelo bem, mas antes o bom nos atrai” (VOLKMER, 2006, p. 67).

O que poderia ilustrar a origem de tais considerações é o exemplo que o próprio estudioso de Scheler, Volkmer (2006), dá sobre a portabilidade do valor (o dado observado e valorado pelo ser humano) e o seu dado originário pela intuição, ou seja, quando alguém se depara com um fruto desconhecido e o experimenta, antes mesmo que se possa ter acesso à conceituação dele, já o valorou como agradável ou insólito,

ou qualquer outro tipo de característica, tais como as suas formas e texturas, peso e medidas. Nesse caso, o valor independe do objeto portador, porque ele pode surgir em uma experiência intuitiva como dado *a priori* autoevidente. Desse modo, a intuição é o modo pelo qual o homem, a partir do espírito e com a sua percepção sentimental, é capaz de intuir os valores objetivos de uma realidade externa à sua consciência. Faz-se necessário, entretanto, reunir todos esses dados em uma ética unificada e elaborada, tal como Scheler a construiu. Por isso, as próximas linhas têm o objetivo de estabelecer a vida do humano em face de sua emocionalidade, segundo a filosofia antropológica de Scheler.

3.3 A VIDA EMOCIONAL

Após a exposição de como se funda o conhecimento dos valores, é possível perceber que a ética que Scheler propõe estabelecer se interliga intimamente com a percepção emocional de mundo através da intencionalidade. É importante destacar as emoções e o sentir como o que fundamenta o conhecer e o vivenciar ético da pessoa humana. Após as considerações sobre o espírito, aquilo que torna o homem em seu ser homem, é possível entender como a estrutura espiritual própria ordenadora de atos se presentifica no mundo e como se dá a relação entre a pessoa e os elementos que a cercam pelo princípio da emocionalidade, que reconhece e apreende os valores no mundo, pois o humano é compreendido pela vivência desses. É nesse sentido que “os estratos da vida emocional são o fundamento antropológico da relação entre a felicidade e a ética material de Scheler” (VOLKMER, 2006, p. 60). Assim, os sentimentos podem ser considerados como indicadores que marcam a interação entre o que ato de intuição e os estados afetivos.

Para a conceituação desses estados e a sua relação com a intencionalidade, é preciso considerar os sentimentos em seus diversos graus, a partir da análise fenomenológica desenvolvida na primeira seção deste trabalho. O primeiro grau, a partir da análise de Volkmer (2006), são os sentimentos corporais ou vitais. Eles tratam da ligação com o mais básico da vida, referente ao corpo biológico e que podem ser sentidos em alguma parte unicamente. Como exemplo, é possível destacar o cansaço corporal, o bem-estar e o mal-estar, uma dor nos ossos ou qualquer outra dor referente ao corpo físico e biológico. Esses sentimentos tratam do aqui e agora, aquilo que está presente nas constituições biológicas e corporais do ser humano.

Em um segundo nível, destacam-se os sentimentos anímicos e psíquicos. Esses sentimentos são desligados do sentir corporal, mas estão ligados aos estados emocionais. A alegria ou a melancolia que são ligadas ao psíquico e correspondentes à animosidade não são causadas por algo meramente prático e tocante ao corporal. Desse modo, é possível que uma pessoa esteja ao mesmo tempo cansada, mas alegre, ou, ainda, estar tudo possível ao seu alcance, mas manter um desânimo perante as coisas. Esse tipo de sentimento, em suma, se categoriza como estado de ânimo ou disposição da realidade psíquica.

Por fim, o nível dos sentimentos espirituais ocupa a última categoria. Esses são os mais nobres, pois transcendem o eu psíquico e o estado anímico, sendo funções do sentir humano. Nesse sentido:

O sentimento espiritual, como a beatitude, a desesperança, a paz de alma, prevalece sobre os demais estados da vida emocional, sem lhes tirar ou inverter o conteúdo. Uma dor não deixa de ser dor, mas a felicidade atingida pela beatitude é mais profunda e prevalece sobre uma dor (VOLKMER, 2006, p. 63).

Esses sentimentos, nesse caso, são absolutos, pois abrangem o ser de forma total e se fazem a partir da atitude espiritual do homem perante a realidade. Essa categoria suspende toda intervenção ou influência que o psíquico-corporal pode realizar, ou não seriam sentidos espirituais. Desse modo, os sentimentos humanos podem ser categorizados dessas três formas expostas, cabendo somente ao último grau a capacidade valorativa que funda a ética material - ou sentimental - dos valores.

Em sua análise, Scheler (2003) considera a ciência humana como imbuída de grandeza por ser nela que o humano se apropria de sua posição casual no Universo. Além disso, pela sua superioridade espiritual, o homem constrói uma imagem de mundo completamente independente das organizações das leis biológicas, isso porque ele não é simples parte do cosmos, mas está em observação e consegue apreender aquilo que são o seu sentido e os seus estados. O filósofo afirma que:

[...] o homem – uma vez que é pessoa – consegue se alçar por sobre si mesmo – enquanto ser vivo -, e, a partir de um centro como que para além do mundo espaço-temporal, incluindo aí ele mesmo, tornar tudo objeto de seu conhecimento. Desta feita, o homem como ser espiritual é o ser que se coloca acima de si mesmo como ser vivo e acima do mundo. [...] tornando objetivo o mundo em sua plenitude espacial e temporal, não pode ser ele mesmo uma “parte” deste mundo (SCHELER, 2003, p. 45, grifo do autor).

A pessoa humana, como afirmado acima, é um ser separável do mundo, não pertencente a ele, pois consegue objetivá-lo e apreendê-lo para o conhecimento. O ser humano transcende os limites e as constituições biológicas e psicológicas para uma postura metafísica existencial a partir de sua estrutura espiritual. A percepção sentimental no interior da filosofia scheleriana é princípio da atitude de valoração do humano, por isso ganha tanto destaque na constituição de uma ética material dos valores.

4 O HOMEM E A ÉTICA MATERIAL DOS VALORES

Conforme se pretendeu evidenciar até aqui, a Antropologia elaborada por Scheler teve o seu início nas primeiras décadas do século XX, época em que a filosofia alemã estava mergulhada em abrangentes abordagens sobre o homem sem ter uma orientação mais unificada que pudesse definir o ser humano em suas interfaces existenciais. Além disso, o filósofo teorizou os valores como algo vivencial, por isso faz a elaboração de um sistema para a apreensão da realidade a partir da categoria emocional, tendo em vista a análise fenomenológica dos seres humanos. A filosofia antropológica de Scheler não se limita a uma especulação da estrutura do universo pessoal, mas busca uma realização desse universo a partir de uma ética material dos valores. A proposta desta seção é demarcar como o processo de constituição dessa ética se presentifica na vida humana.

Como foi visto anteriormente, o filósofo se propõe analisar a esfera emocional em face dos valores que, conforme estudiosos, “Scheler procura excluir de seu sistema – ou, pelo menos, reduzir ao mínimo – a importância do dever e recuperar, em compensação, para a vida moral do homem a esfera emocional” (WOJTYLA, 1993, p. 14). Segundo ele, estar e ser no mundo se faz primariamente pela vivência da emocionalidade, princípio para o conhecimento de mundo e para a constituição do próprio ser. Dessa vivência resultam as constituições do eu psíquico, do ser humano em sua exclusividade cultural e religiosa, bem como de qualquer formação de juízo sobre o mundo. Vale lembrar que a emoção em Scheler perpassa as características mais básicas sentimentais do ser humano, alcançando o espírito enquanto capacidade de superar o biológico da existência.

Quanto a isso, soma-se o fato de que o ser humano não vive apenas a partir de seu mundo, como será analisado nas páginas que se seguem, além de “que o mundo não é o horizonte último da auto-realização (sic) humana, mas que é aberto e aponta para além de si mesmo” (RABUSKE, 2003, p. 18). Ao remeter à primeira seção deste trabalho, é possível lembrar que Scheler destaca o ser humano em sua diferenciação com os animais pela essencialidade - não somente pela inteligência, considerado por ele diferença gradual, ainda que em amplos níveis. Essa diferença reside no espírito, que é o que torna o homem um ser pessoal. Nessa categoria está presente a autonomia de agir sobre o mundo a partir da capacidade de **escolha** e da **objetividade**. É por ser capaz de tornar as coisas objetos que o humano é ser de

autoconsciência e também de determinar o seu comportamento perante o cosmos – é aqui que habita o interesse Ético de Scheler para o homem.

Segundo Rabuske (2003), a Ética é a ciência que regula o agir humano, portanto normativa, e tem em vista a sua finalidade, o seu fim último enquanto realização e completude. O autor afirma também que Sócrates fez nascer a Ética pela racionalização da virtude, questionando-se pelos costumes vigentes na sociedade da época. É nessa busca de definição dos valores que Scheler os trata como objetos da experiência, manifestando-se na vida emocional, sendo denominada por ele como experiência fenomenológica. Nesse sentido, eles se concretizam no ser humano, pois “é na vida emocional do homem que [...] se manifestam. O valor é teorizado pelas emoções partindo da consciência do ser, formando unidades fenomenais no homem, enquanto ele as vive, e coordenando as suas atitudes” (BARBOSA JÚNIOR; SOUZA, 2016, p. 2). Por isso, é preciso considerar como se dá a realização moral destes na estrutura pessoal humana, a partir de seus estudos ético-antropológicos.

4.1 A PERCEPÇÃO SENTIMENTAL E A ANTROPOLOGIA

No original alemão, Scheler descreve o ato de sentir como *Fühlen*⁸. Em sua tradução literal, este termo não designa o sentir ligado às sensações e ao ato de perceber pelos sentidos biológicos, como *Gefühl*, ou seja, daquilo ligado às sensações básicas. Na verdade, *Fühlen* remete aos sentimentos mais elevados como à coragem, ao medo, à insegurança e à bravura. Isso quer dizer que a percepção sentimental teorizada por Scheler abrange as funções ligadas ao espírito, propriedade sumamente humana, trazendo para o interior de suas considerações filosóficas a aplicação e realização do valor na vida do homem pelo primado sentimental.

O perceber sentimental é, assim, axiológico⁹. Mas o que isso quer dizer? Que antes de tudo, existe um apriorismo do valor, pois existe antes mesmo de qualquer outra experiência humana que a intencionalidade e as emoções e isso constitui uma hierarquia dos valores na estrutura humana-espiritual. Axiológica porque o perceber

⁸ “O termo *Fühlen* significa sentir. [...] é uma função percipiente, pela qual temos acesso ao mundo das emoções e dos valores” (CARNEIRO; PEQUENO, 2021, p. 215). “[...] este [pertence] às funções de apreensão de conteúdos e fenômenos” (SCHELER, 2001, p. 359).

⁹ Axíologia é o que se refere aos valores e à moral, ao processo de desenvoltura de um sistema ético, como também do de conhecimento desses. “Axíológico é termo que se origina da palavra grega *axios* que tem o significado de precioso, digno, valor” (PEREIRA SOBRINHO, 2017, p. 20, grifo do autor).

sentimental é capaz de estabelecê-los como mais ou menos importantes, como também valores superiores e inferiores, em Scheler (2001). Hierárquica, porque se ocupa com uma demonstração dos mais altos e dos mais básicos que posicionam o homem singularmente perante o cosmos.

Desenvolver essa hierarquia é demonstrar que em Scheler, por serem autênticos e verdadeiros, os valores são objetivos e independentes de seus suportes, como analisado na seção anterior, havendo diferenças entre eles. Nesse sentido é que Scheler desenvolve algumas categorias elementares para a compreensão dessa hierarquia, a saber, sensíveis, vitais, espirituais e religiosos (do santo e do profano). É preciso esclarecer que o termo cunhado por Scheler, hierarquia, leva em conta, necessariamente, a primazia de alguns valores sobre os outros, somente possível pela percepção sentimental em sua intencionalidade objetiva, portanto, material, ou seja, da realidade.

Na base dessa escala se encontram os valores sensíveis, ligados ao conforto e o bem-estar do ser humano em sua escala básica: o agradável e desagradável. Esses se observam da sensibilidade humana ao mundo natural, como o conforto, o sujo, o limpo e o barulho, justificando a sua posição inferior na qual se encontram na teoria de Scheler. Em um segundo plano, estão os vitais, que:

[...] são apreendidos mediante o perceber afetivo vital, estando associados ainda a sentimentos vitais (vigor/vitalidade e fadiga; saúde e enfermidade; velhice e mortalidade/temporalidade) ou ainda em reações sentimentais como contentar-se, afligir-se, angústia, impulso de vingança e cólera (CANEIRO; PEQUENO, 2021, p. 171).

Pode-se perceber, no entanto, que o humano não pode ser diferenciado do animal apenas pela sua esfera anímica ou aos elementos ligados à Biologia, pois a essência vital dele é total e única – o espírito. Assim, a terceira categoria de valores é a dos espirituais. A principal característica destes é o fato de serem independentes axiologicamente, pois estão apartados das determinações do corpo e do meio, e orientam para uma percepção sentimental espiritual que resulta no preferir, amar e odiar, como também em outras características desta categoria. Aqui está tudo aquilo que se refere à estética, à justiça e ao conhecimento da verdade, como teoriza Scheler (2001).

É no espírito que estão radicados o valor artístico, o da beleza, do justo, do injusto e do direito. Quanto ao conhecimento da verdade, o filósofo categoriza nesse

ponto a verdade buscada pela Filosofia, bem como toda a sua carga científica de conhecimento das coisas, da dúvida filosófica e da atitude de observador do mundo. A Filosofia se torna, nesse sentido, algo de alta categoria, pois “assume um valor em si mesma no âmbito da classe dos valores espirituais. [...] a filosofia pode ser entendida como amor ao essencial e como procura pela verdade” (CARNEIRO; PEQUENO, 2021, p. 176). Baseado nas características elementares dessa categoria, é possível perceber que:

Pertencem, finalmente, a esses valores razões peculiares como “agradar” e “desagradar”, “aprovar” e “desaprovar”, “apreço” e “menosprezo”, “desejo de vingança” (diferente do impulso vital de vingança), “simpatia espiritual”, como a que fundamenta, por exemplo, a amizade (SCHELER, 2001, p. 177, grifo do autor, tradução nossa).

Atrelada a esta categoria, a cultura ganha nobre destaque, sendo ela a via pela qual o ser humano busca sair de si mesmo e conquistar uma plenitude do mundo, em toda sua totalidade. A cultura, muito mais do que um saber técnico e funcional, é ação transformadora do modo como uma pessoa se relaciona com as coisas à sua volta, a maneira de perceber, como conhece e como age perante o mundo, que a pessoa, quando toma consciência de sua existência e da infinita abrangência que existe, sai de si mesma em uma procura de interação e descoberta da realidade, das coisas e dos outros. A amizade, citada acima pelo autor, se constitui como aquilo de mais valioso “na comunicação interpessoal humana [...], porque o ser humano é antes de tudo um ser vivente que se auto-realiza (sic) ao realizar todas as virtualidades de sua verdade como pessoa, tanto no nível individual quanto no social” (SOUZA NETO, 2004, p. 45).

Enfim, os valores espirituais são capazes de demonstrar que o ser humano é desprendido, não determinado, além disso, capaz de autoconsciência e de transcendência. Quem os vivencia busca alcançar o mundo, sair de sua individualidade e reencontrar e conviver com outras pessoas. Acima disso, porém, ocupa na escala hierárquica aqueles considerados religiosos¹⁰. O filósofo não encontra motivos para entender que esses valores façam o ser humano perder a própria identidade, haja vista que o ser pessoal é sempre aberto a uma realidade maior

¹⁰ É preciso entender, a partir de Scheler, que a temática da religião não se refere a crenças e religiosidade no entender popular. “Por religiosidade entende-se o modo pelo qual a pessoa vive a partir do ideal pessoal de sua expressão religiosa ou de sua espiritualidade” (CARNEIRO; PEQUENO, 2021, p. 183).

que sua estrutura ordenante. Desse modo, tal ser alcança altos graus de virtudes tanto quanto vivencia os valores de santidade que o levam a se encontrar com a própria profundidade transcendente, ou seja, a realização em seu mais alto grau de existência. E isso surge mediante uma construção sucessiva da natureza humana.

Scheler atribui, ainda, a esse ponto a busca de suprir a necessidade interna com o absoluto, afirmando que a religião é uma realidade da carência de essência. Assim:

No mesmo instante em que se tornou homem através da consciência do mundo e de si próprio e através da objetivação mesma de sua natureza psíquica – os traços específicos fundamentais do espírito -, também precisou apreender a idéia (sic) maximamente formal de um ser supramundano infinito e absoluto. [...] “Onde me encontro afinal? Qual é em verdade a minha posição?” Ele não pode mais dizer propriamente: “Eu sou uma parte do mundo, sou envolvido por ele”, pois o ser atual de seu espírito e de sua pessoa é superior até mesmo às formas do ser deste “mundo” em espaço e tempo (SCHELER, 2003, p. 85-86, grifos do autor).

O homem impulsionado por tais necessidades de encontro com o absoluto encontra os valores religiosos em seu mais alto grau de importância. Justamente por isso, efetiva-se o fato de que neste ponto mais alto se encontra não somente o seu conteúdo material como o próprio depositário dele: a pessoa. De acordo com Carneiro e Pequeno (2021), os atos emocionais são o que apreendem os valores de santidade e de beatitude que geram não somente qualidades objetivas como felicidade e desespero, adoração, fé e incredulidade, mas um amor à pessoa e à forma de ser pessoal. O que isso quer dizer? A pessoa “é um valor por si mesma, essencialmente mais elevado que outros valores, incluídos o valor da ciência, da arte, da cultura, pois estes valores espirituais somente existem em relação ao ser humano” (SOUZA NETO, 2004, p. 45).

Desse modo, a pessoa, ocupando o grau mais alto na escala instaurada por Scheler, descobre-se valor em si mesma e tanto mais se realiza quanto mais vivencia aqueles mais superiores. Para o filósofo, a realização existencial se encontra no encontro desses tais valores pela atitude espiritual. Através da intuição emocional é que o homem pode conhecer a essencialidade das coisas, não restringido apenas às suas capacidades cognoscitivas. Diante disso, é preciso considerar os valores que tocam a esfera religiosa – também o ser pessoal – e desenvolver como eles se interrelacionam com a pessoa humana em face de sua situação peculiar perante o cosmos, como há sido desenvolvido.

4.2 O PERCEBER DO OUTRO

Após analisar como acontece a percepção sentimental no centro da antropologia scheleriana, o trabalho de estabelecer uma ética se faz possível quando considerados os valores a partir de uma emocionalidade material e objetiva. Na análise dos escritos de Scheler (2001); (2003), termos e conceitos como empatia e simpatia, amor e ódio e compaixão e **outro** aparecem denotando o ponto alto de sua ética antropológica. Constatar isso leva a uma interpelação necessária: como os sentimentos se aplicam nas experiências entre as pessoas?

A intersubjetividade é uma temática presente na filosofia scheleriana, como que se nela não houvesse nenhuma tendência ao solipsismo. “A pessoa é capaz de alcançar a essência dos objetos e de outras pessoas sem toma-los objetos *na minha consciência*” (KLAUSS, 2014, p. 68), ou seja, a pessoa não pode objetivar outras pessoas. O fato pelo qual o homem é impossibilitado de objetivar a outrem é pelo princípio da atualidade pura, como visto na primeira seção deste trabalho, pois ele se realiza a cada ato de sua existência. Nesse sentido é que se define uma correalização entre duas pessoas, sendo apenas pela compreensão dos atos do outro que consigo me relacionar com ele. Dito isso, é preciso considerar duas formas de participação no ser do outro, que se definem como **simpatia** e **empatia**.

O primeiro termo que Scheler coloca como valor da ação humana relacional é a simpatia. De acordo com Carneiro e Pequeno (2021), este termo **co-sentir** pode ser compreendido como sentir junto, denotando uma ação recíproca entre coisas ou pessoas ou, ainda, a capacidade de influência entre as partes. No entanto, para Scheler, muito além de um sentimento, a simpatia se define como uma capacidade cognitiva que se volta para a compreensão da realidade, que se traduz em viver e sentir o mesmo que outro. A simpatia, em sua análise mais básica, é um comportamento social que permite ao ser humano enxergar na experiência do outro os valores presentes. Desse modo, por ela é possível que o ser humano se abra para a tristeza ou alegria do outro enquanto reação do sentimento alheio. Desse modo, comentadores descrevem que:

O fenômeno autêntico da simpatia, por estranho que pareça, é o fato de se poder perceber afetivamente os sentimentos dos outros, mas sem vivê-los realmente. Compreender, por exemplo, a sua alegria sem, por isso, nos tornarmos alegres, deixando que tais sentimentos permaneçam no contexto

de uma existência que não é a nossa, guardando certa independência a seu respeito (COSTA, 1996, p. 57).

A simpatia pode ser entendida como sentir algo com o outro, pois em determinadas experiências existenciais uma pessoa é afetada moralmente com o sentimento do outro, como no caso do luto. Uma outra perspectiva seria a de uma simpatia por algo – compaixão de. O homem é capaz de sentir em si mesmo pela simpatia a dor ou a alegria do outro. A simpatia não é uma emoção, mas sim uma função percipiente do sentir. Por ela é possível ir ao encontro do outro sem, no entanto, assumi-lo como próprio, segundo Carneiro e Pequeno (2021). A conclusão de Scheler é que a simpatia é um atrair o outro para o mundo próprio do eu, sendo uma descaracterização do valor essencial e nobre do outro.

A simpatia é compreendida como um esvaziar o outro para sentir em si o que o outro sente, sendo uma atitude egológica. Desse modo, a experiência do outro é constituída a partir do meu ego ou do meu próprio sentir, remetendo-o a mim mesmo, sendo ele acessado por uma redução fenomenológica. A simpatia em todo caso se restringe a trazer o outro e seu sentimento para os âmbitos e limites de minha consciência, sendo a subjetividade alheia esgotada de sua própria essência e dignidade. Em contrapartida, há uma realidade diametralmente inversa, que é o da empatia.

A empatia pode ser classificada tanto como idiopática quanto como heteropática. No primeiro caso, a empatia é um direcionamento para o eu alheio que foi produzido pelo próprio eu. O que isto quer dizer? Significa que o eu se coloca no lugar de um outro que foi criado por mim mesmo, sentimentos que não correspondem à realidade inviolável do outro. Esse tipo de empatia tira do outro um lugar que lhe é devido para colocar no lugar um eu formado pela própria consciência. Exemplo disso é o caso de identificação de uma pessoa pelo seu antepassado, não dando o espaço devido para que aquela pessoa se demonstre e se realize a partir de sua própria estrutura espiritual.

Por outro lado, a empatia heteropática é nutrida de um sentimento anormal que se esvazia de si mesmo e transfere para o outro uma realização existencial que não corresponde à realidade. Nesse tipo de caso, a empatia conduz a pessoa a um aprisionamento à forma de ser do outro. A pessoa não vive em si mesma, mas se fixa totalmente no próximo. Por isso mesmo é que Scheler não encontra na empatia pura e simples o valor mais autêntico, ainda que seja digna de destaque na teoria dos

valores. É nesse sentido que o autor propõe um autêntico simpatizar, unificando a simpatia e a empatia de modo distinto como o de mais alto e nobre na escala hierárquica. E esse valor é o **amor**.

4.3 O AMOR COMO FORMA FUNDAMENTAL DO AGIR ÉTICO

A análise que este trabalho se propõe é a de demonstrar como Scheler estabelece a Ética Material dos Valores na vivência do homem perante o cosmos. É possível perceber que “o ser humano possui uma intuição emocional, graças à qual não só conhece os valores, mas os integra à sua própria personalidade” (SOUZA NETO, 2004, p. 48). Demonstrar a diversidade dos valores em seus variados níveis - dos vitais aos religiosos - leva a uma percepção do relevo que eles têm na integração total à vida do ser humano. Longe de desprezar a racionalidade, o filósofo em questão potencializa-a quando a correlaciona com a intuição emocional que percebe e compreende a realidade, valorando-a. Nesse sentido é que Scheler destaca o amor como o mais nobre e autêntico sentimento que uma pessoa pode ter.

No entanto, o que significa amar? O que tem a ver o amor com a intencionalidade e a Antropologia? Como isso completa a existência ética? É convidativo refletir sobre a *ordre du coeur* formulada por Pascal (1623-1662), de acordo com Scheler (2012a), em que esse sentimento da ordem do coração¹¹ é o ato mais sublime do espírito, que é o amor. Este ordenamento está fundado na intuição sentimental, não aquela realizada pela razão tão somente, mas, sim, pelo coração, ou seja, a dimensão dos sentimentos – em que há ordem e sentido. Estas categorias intuitivas provindas do coração demonstram que a razão não atua sozinha na relação do homem com os atos de valor. Desse modo, como analisado anteriormente, o humano conhece a partir de sua intuição emocional e atinge até as últimas capacidades do saber pela categoria do amor.

O amor é considerado como o mais nobre entre todos os sentimentos humanos. Sentimento, pois, é uma experiência intencional que se alça sobre o espírito para fazer a pessoa participar do ato de amar. Em suma, o amor é capaz de comunicar-se

¹¹ Scheler adverte sobre o perigo de se interpretar o coração como sentimentos desordenados ou estados confusos de forças humanas ou, ainda, uma rápida alusão ao lado romântico da existência. No entanto, o coração simboliza “um conjunto de actos (sic) dirigidos, de funções que possuem em si uma *legalidade independente* da organização psicofísica humana, um conjunto que trabalha com precisão e rigor” (SCHELER, 2012a, p. 22, grifo do autor).

autenticamente com um outro, para que se construa uma unidade interpessoal. “Scheler assegura que amar a outrem, como um amigo, denota sempre que se sai de si mesmo para participar de maneira direta na própria realização do outro” (SOUZA NETO, 2004, p. 48). Em sua ética, Scheler denota que o amor é de tal forma livre que é criador, pois confere vida ao objeto amado, valorando-o através da atitude espiritual de intencionalidade. Esse sentimento é possibilitador de participação no ser de outra pessoa pela essência. De acordo com o filósofo, “só conseguimos conquistar uma participação nas pessoas se *acompanharmos a realização e co-realizarmos* seus atos livres” (SCHELER, 2003, p. 46, grifo do autor).

Mais do que um princípio racional, como se há denotado neste trabalho, a percepção sentimental dos valores se dá na experiência. Amar é co-realizar em uma ordem essencial aquilo que é da relação própria do eu com o outro. Por entender que a pessoa só é em seus atos e que é através deles que ela se realiza a si mesma, é também que pode ser entendido o princípio pelo qual ela não consegue ser objetificada. O amor faz o ser humano participar da existência do outro através da identificação com a vontade de outra pessoa pela postura do amor espiritual – contrária a toda e qualquer objetivação. É importante denotar que:

O amor tem sempre diante de si o valor da pessoa. O ato de amar está dirigido ao valor absoluto e irreduzível da pessoa, o bom em si, que não é em nada relativo à existência, mas à essência pura da pessoa. [...] O amor, estritamente falando, não cria valores, mas os descobre, intui sem mediação. Assim, mesmo que todos digam que *de Nazaré nada de bom pode sair*, o amor *‘vem e vê’*, faz, realiza, uma *experiência* vivida, não somente ouve por assim dizer; porque é assimbólico, anterior ao conceito, não aceita pré-conceitos, precisa de uma experiência intuitiva vivencial e direta; e porque é intencional, o amor sempre encontra o que procura, porque de certo modo já o sabia (VOLKMER, 2006, p. 115, grifos do autor).

Desse modo, na ética scheleriana o amor reconhece no portador o valor sem levar a própria percepção e sem reduzir à sua subjetividade a dignidade e inviolabilidade do outro. De tal modo, a simpatia e a empatia em suas categorias básicas se posicionam como ilusão por projetar no outro e no objeto apreendido pela intencionalidade algo de si próprio, enquanto o amor faz experimentar a autenticidade de participar do ser do outro e da realidade. O amor respeita as diferenças pessoais além de as assumir conscientemente para que haja uma união interpessoal que seja consequência de uma riqueza pluralista. Por isso mesmo é que “a irreduzibilidade da

pessoa, marca de sua dignidade, ficaria totalmente a salvo no exercício do amor” (SOUZA NETO, 2004, p. 49).

Além disso, ao se considerar a atualidade pura que o espírito humano se presentifica na realidade, o amor é o que oferece ao ser humano a capacidade de apreender o outro no aqui e no agora, pois contempla uma visão superior de valor universal. Afirmar que ele é o valor mais alto não o distancia dos outros valores. O amor é um valor enquanto ação mais elevada da própria pessoa, pois a coloca onde precisamente se posiciona perante todo o cosmos, no centro da existência. O homem que experiencia tal valor saiu de si mesmo, deu o seu não às determinações biológicas e em movimento de ascese transpõe os limites de suas constituições para se correalizar com o outro em seu existir.

Pela atividade da consciência humana, o valor pode ser captado pela intencionalidade aguda que o homem possui sobre a realidade enquanto ser que se posiciona superiormente no cosmos. O ser humano em comparação com os outros seres vivos alcança uma liberdade e autonomia de ação, resultando em uma vivência guiada por uma ética. Na busca por constituir-se, o ser humano se torna um sujeito que valora o mundo à sua volta, pois descobre os valores do objeto captado por essa consciência intuitiva através da emocionalidade.

Segundo Costa (1996), o amor - valor mais alto na ética scheleriana - extrapola o âmbito da racionalidade, pois o supera, enquanto valor não há mais nada a ser realizado. Se para o homem ele precisa de sua intencionalidade e seu julgamento de valor para compreender a realidade, enquanto ama já experimentou em si o valor supremo que o conecta de modo espiritual e imediato ao objeto amado. Desse modo, não existe distância entre o sujeito e o objeto, pois representam atitudes emocionais diretas em relação ao que guarda em si um valor.

Sendo assim, “o amor é, para Scheler, a forma fundamental da experiência dos valores, já que amplia o mundo dos valores da pessoa que constitui seu sujeito, tornando-a sensível para percebê-los afetivamente” (WOJTYLA, 1993, p. 131). De certa forma, o amor amplia a vivência dos valores em seu nível máximo. O homem passa a conhecer o objeto amado por aquilo que ele é, não por aquilo que se espera em troca. O amor não é uma relação subordinada ou de interesse. Talvez seja isso que leve Scheler a resgatar o inesperado que os homens antigos experimentaram quando viu o que se sucedeu na Galileia, afirmando que:

Deus desceu espontaneamente aos homens e tornou-se um servo, morrendo na cruz a morte do pior dos servos! Com isso, esta frase se torna sem sentido: deve-se amar os bons e odiar os maus, amar o amigo e odiar o inimigo. Não existe mais nenhuma ideia de um “bem mais elevado”, que teria um conteúdo para além e independente do *ato de amor* mesmo, bem como de seu movimento (SCHELER, 2012b, p. 92, grifos do autor).

Isso se observa pela característica que o autor dá ao amor. O filósofo descobre em sua análise algo de elevado, para além de si mesmo do homem, que o coloca em uma posição peculiar da existência. A pessoa humana é capaz de amar, e porque ama é capaz de conhecer e se realizar junto com o outro a existência. É por isso que ele mesmo define que o amor é o melhor de todas as coisas boas. Muito mais que uma coisa qualquer, o amor é um ato de valor que se desvela ao se fazer, ou seja, se revela ao experimentar por si próprio.

A partir do amor como ato e atualização é que Scheler (2012a) determina-o como fundamento para o conhecer do outro. Quando o autor se volta para a vida psíquica do animal, recorda que ela é inacessível para nós. O animal não comunica, não ama e não se abre para que o homem o possa conhecer. Do mesmo modo o homem, quando se fecha em si e não permite se comunicar aos outros, passa a ser inacessível para a atitude espiritual de amar de outrem. Ao contrário, quando alguém se abre em atitude espiritual para a ação de mesmo princípio do outro, aí pode se originar o amor recíproco. Quanto a isso, o próprio filósofo afirma que:

o amor foi também sempre para nós, ao mesmo tempo, o acto (sic) primigénio, pelo qual um ente – sem deixar de ser este ente limitado – se abandona a si mesmo para, enquanto *ens intentionale*, participar e ter parte noutro ente, mas de modo que eles não se tornem partes reais um do outro. [...] O homem, antes de ser um *ens cogitans* ou um *ens volens*, é um *ens amans* (SCHELER, 2012a, p. 14-15, grifos do autor).

Considerar essa definição, é entender que ele ostensivamente elaborou uma ética do amor. Para o filósofo, o amor tem sempre diante de si o valor absoluto e irreduzível da pessoa. O ser humano, quando se movimenta em direção ao amor, afirma que não é egoísta ao buscá-lo, porém ama os outros como seres em sua individualidade e singularidade. Por isso mesmo é que no topo moral de seu sistema ético, entende-se que o amor em sua realização fundamental edifica o mundo e contribui para uma autêntica relação com o outro e com o mundo à sua volta. Afinal, amar é oferecer com liberdade uma resposta ao outro e com o outro. Amar é agir com o outro enquanto ele se realiza, é comunicar, é cooperar em sua existência sem

pretender nada em troca, sem nada esperar nada por interesse e sem projetar no outro o próprio eu. Nesse sentido, amar é ser pessoa fundamentalmente ética e realizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento antropológico da Filosofia Moderna contribuiu para uma análise mais científica e particularizada do homem no pensamento ocidental. O homem se percebeu sujeito limitado de unidade, justamente por haver vários tipos de definições antropológicas. No entanto, filósofos como Scheler propuseram que o homem pudesse se entender essencialmente no âmago da existência humana em relação com o cosmos, ou seja, com o mundo existente em sua volta. Diante disso, o trabalho analisou a antropologia filosófica em relação com a teoria dos valores scheleriana, procurando denotar a partir desta teoria a compreensão da existência humana.

Após estruturar a metodologia pela qual Scheler analisa a realidade e a existência, o trabalho apresentou a sua ideia de homem. Percorrendo pelas esferas vitais do ser humano, a conclusão é a de que o homem se diferencia essencialmente dos outros seres vivos pela categoria de espírito. Foi visto que esse princípio é o que possibilita ao homem a liberdade, o autoconhecimento, a ascese e o que fundamenta a sua interrelação com os indivíduos. Por se conceber como ser essencialmente diferente, sua posição no cosmos é distinta e superior à realidade. Pela estrutura de seus atos, ele existe e se define pessoa no universo.

Por meio do espírito o ser humano é capaz de conhecer a realidade e apreender os valores nela existentes. A intencionalidade aparece como funcionalidade importante para tal tipo de apreensão, a fim de conduzir a consciência humana em direção aos valores intrínsecos aos objetos em análises. O homem exerce julgamento de valor sobre a realidade, pois conhece os valores objetivos por meio da intencionalidade. O modo pelo qual o homem percebe a realidade é pela intuição emocional, antes mesmo que ele faça um julgamento de valor. Assim, a emocionalidade é valorizada no âmbito da filosofia scheleriana enquanto princípio pelo qual é possível conhecer.

Nesse sentido, ao expor a filosofia de Scheler, foi possível desenvolver a sua análise sobre os valores em uma escala hierárquica, dando enfoque principal à percepção do outro. Passando pelos sentimentos de simpatia e empatia, a conclusão é de que o amor é o mais alto de todos os valores, pois provém verdadeiramente de uma postura espiritual desinteressada. Esse sentimento se define como uma experiência que precisa ser vivida na própria existência. A relação entre os indivíduos faz com que a pessoa coparticipe da existência do outro pelos atos espirituais do

amor, na intersubjetividade. Assim, a pessoa humana alcança plena realização na vivência do amor, valor mais alto e nobre da existência, por se realizar juntamente com o ser amado, alcançado pela experiência valorativa de conhecimento.

A filosofia scheleriana se coloca como oportunidade para que a sociedade descubra a dinâmica dos valores, que relaciona cada indivíduo ao todo de sua existência. Quem ama não subtrai, não segrega, não despreza, mas unifica e plenifica a existência. É preciso entender-se pessoa humana enquanto tal para, numa relação de intersubjetividade, correalizar com o outro na existência. Assim, a possibilidade de uma ética absoluta, justa e fraterna se faz presente e necessária na sociedade como um todo. Os indivíduos devem experimentar a vivência do amor como caminho de realização plena de sua existência. Faz-se necessário instigar o homem contemporâneo à reflexão sobre a sua posição frente ao mundo valorativo.

Este trabalho não se constituiu na tentativa de esgotar a Antropologia Ética scheleriana. Pelo contrário, é apenas um modo de apresentar a importância desse estudo para iluminar a realidade atual. Caminhos possíveis para a análise da filosofia de Scheler se interpõem na relação amor e intersubjetividade, com o objetivo de fundamentar ainda mais a existência humana em uma análise fenomenológica dos valores. Ainda, é possível desenvolver o extenso trabalho de Scheler em outras áreas da ciência, como a Psicologia, a Medicina, a Educação e o Direito. No entanto, a proposta deste trabalho se limitou a pensar a compreensão antropológica scheleriana a partir dos valores éticos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA JÚNIOR, Possidônio Ferreira; SOUZA, Antônio Rômulo Pereira Ribeiro de. Premissas fundamentais do sistema ético de Max Scheler. **Cadernos de PET Filosofia**, v. 7, n. 16, p. 62-71, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/2007>>. Acesso em: 13 set. 2022.
- CARNEIRO, Alan Dionizio; PEQUENO, Marconi José Pimentel. **A ética de Max Scheler e a essência do cuidar do outro**. São Paulo: Ideias & Letras, 2021.
- COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. Coleção os pensadores, vol. XXXIII. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 47-100.
- COSTA, José Silveira da. **Max Scheler: o personalismo ético**. São Paulo: Moderna, 1996.
- KLAUS, Leila Rosibeli. **A abordagem fenomenológica da antropologia filosófica: pessoa e espírito em Max Scheler**. 2014. 80 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.
- RABUSKE, Edvino A. **Antropologia filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SCHAEFER, Osmar Miguel. **Antropologia filosófica e educação: perspectivas a partir de Max Scheler**. Pelotas: Educat, 1995.
- SCHELER, Max. **Ética: Nuevo ensayo de fundamentación de um personalismo ético**. Tradução Hilario Rodríguez Sanz. Madrid: Caparrós Editores, 2001.
- _____. **A posição do homem no cosmos**. Tradução Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. **Ordo amoris**. Tradução Artur Morão. Covilhã: LusoSofia, 2012a.
- _____. **Da reviravolta dos valores**. Tradução Marco Antônio dos Santos Casa Nova. Petrópolis: Vozes, 2012b.
- SCHULZ, Almiro. **Max Scheler “in foco”**. Curitiba: CRV, 2020.
- PEREIRA SOBRINHO, Omar. **A teoria dos valores de Max Scheler: Fenomenologia, concepção e Ética**. 2017. 106 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2017.
- SOUZA NETO, César Cardoso de. A pessoa e os valores, aspectos do pensamento de Max Scheler. **Revista Reflexão**, Campinas, n. 85-86, p. 41-55, jan./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3196>>. Acesso em: 03 out. 2022.

VOLKMER, Sérgio Augusto Jardim. **O perceber do valor na ética material de Max Scheler**. 2006. 127 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

WOJTYLA, Karol. **Max Scheler e a ética cristã**. Tradução Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.